



William Shakespeare

The Merchant of Venice
O Mercador de Veneza

Trad. de Helena Barbas

Água-forte, Almada, 2002
ISBN – 972-956-56-3-5

A versão bilingue, em livro, está disponível para compra na sede da Companhia de Teatro de Almada. **Neste documento oferece-se a tradução apenas, tal qual aparece no livro acima.** A paginação é diferente, mas manteve-se a numeração dos versos.

O MERCADOR DE VENEZA

de

William Shakespeare

Trad. Helena Barbas

Março de 2002

Prefácio

A tradução desta peça resultou de um desafio lançado por Joaquim Benite, director da Companhia de Teatro de Almada. Foi uma «encomenda» com a particularidade de permitir encontrar cara a cara as pessoas que iriam encarnar as personagens do papel. Em boa hora aceitei a tarefa.

Torna-se redundante referir as dificuldades com que se depara qualquer tradutor de Shakespeare. Trata-se «apenas» de um dos autores mais (e melhor) traduzidos da literatura mundial. Com a agravante de existirem inúmeros estudos sobre os vários problemas de tradução que a sua obra suscita: começam pelas dificuldades de fixação dos textos que atizam inúmeras querelas entre os especialistas. A isto se acrescentam as mais simples armadilhas: metáforas inesperadas, trocadilhos, o jogo com pronomes pessoais arcaicos, ou uso do verso jâmbico.

O Mercador de Veneza está incluído na secção das «comédias» shakespearianas – porque mistura o riso com o drama (como todas as outras, aliás); entendem ainda os estudiosos que, sendo uma peça dos primeiros anos de produção (1597-1598) estará ainda muito colada às estratégias do teatro medieval, da «*commedia dell'arte*», das «*miracle plays*». Porém, se lida com atenção, revela-se de uma modernidade inesperada. Pense-se na intriga principal: um homem que pede dinheiro emprestado para pagar dívidas, a outro que não o têm, e que acaba por não conseguir pagar os respectivos juros. No que respeita a histórias secundárias e/ou emocionais, não há as costumeiras trocas e desencontros, mas a «maturidade» das personagens torna-as a todas demasiado lúcidas em termos amorosos: até Pórcia, a mais neo-platónica de todas, confessa abertamente ter comprado o seu amado Bassânio (Acto 3, cena2).

Existem várias edições da peça. Foi publicada em 1598 e no «Quarto» de 1600 (portanto ainda em vida do autor, mas não tendo sido revista por ele); e depois no «Folio» póstumo de 1623. Não existem grandes diferenças textuais – de facto, só deparei com uma discrepância, aparentemente mínima: um único verso, mas com consequências de peso para qualquer interpretação. O excerto encontra-se no Acto 3, cena 1 (vv.101-105), a fala entre Tubal e Shylock. Diz Tubal: «Um deles mostrou-me um anel que recebeu da tua filha/Em troca de um macaco.» A que Shylock responde: «Maldita! Torturas-me, Tubal, era a minha/ Turquesa! Recebi-a de Léa quando era solteiro:/ Nunca a daria nem por uma selva de macacos.» Curiosamente, Shylock, o judeu usurário e avaro, considera não ter preço, em termos materiais, uma jóia carregada de um peso emocional, amoroso. Este pequeno verso obriga a reconfigurar as hierarquias dos valores atribuídos a, ou representados por, cada personagem, pois aquele que mais e melhor conhece o preço do dinheiro é também o que maior consideração demonstra pelo valor dos sentimentos humanos, no caso, o do amor. Este jogo é reforçado especularmente pela existência de outros dois anéis – os oferecidos por Pórcia a Bassânio, e por Nerissa a Graciano – que tão «mal» cuidados são. É também a existência destes dois anéis, a exigir construção de mais uma triplicidade – complemento ainda à materialidade das três caixas, e à imaterialidade dos outros jogos triádicos – que fundamentou a escolha desta versão de **O Mercador**, talvez menos fidedigna, mas mais rica em sentidos e leituras. Na outra alternativa (a escolhida por F. E. G. Quintanilha, p. ex.), Shylock lamenta-se apenas pelo preço que pagou ele próprio pela jóia.

Uma outra opção discutível foi a escolha das formas de tratamento mais próximas possível da nossa oralidade contemporânea. Por norma, o «thou» inglês cola-se às pessoas respeitadas e obsoletas dos plurais – assim acontece nas traduções consultadas. A linguagem de Shakespeare é rica e

variada, mistura o jargão profissional com as elegâncias da corte e o calão das tabernas, a poesia com a prosa – independentemente de quem a elas recorre no momento. António, o Mercador, um homem de negócios, usa metros da poesia lírica. O objectivo primeiro será seduzir o público, surpreendê-lo. Neste trabalho não houve um esforço para reproduzir jambos ou encontrar equivalências mais ou menos forçadas. Respeitei os versos, mas deixei que fosse o português a impor a sua prosódia, aceitando ritmos e rimas quando se ofereciam.

Quanto a trocadilhos e jogos de palavras, os problemas mais complicados foram sendo resolvidos pelo encenador, e pelos actores: porque antes de tudo, Shakespeare era – é – um génio do teatro, e os sentidos mais obscuros tornam-se claros e evidentes no palco. E depois, o teatro, mesmo quando os textos são fascinantes, destina-se primeiro que tudo a esse palco. Este **Mercador** foi testado nessa prova de fogo. O resultado do trabalho solitário que foi a tradução, e do colectivo que é a passagem da palavra ao corpo dos actores, regressa agora ao papel.

Foi **Joaquim Benite** quem encenou esta versão do texto, com **Teresa Gafeira** por assistente. A peça foi estreada pela companhia de Teatro de Almada em Março de 2002, com os seguintes actores: António, o Mercador: **Marques d'Arede**; Bassânio: **Pedro Matos**; Duque de Veneza e Velho Gobbo: **Carlos Vieira de Almeida**; Graciano: **André Louro**; Jessica: **Mariana Amaral**; Lancelote Gobbo: **Nuno Simões**; Lourenço: **André Calado**; Nerissa: **Cátia Ribeiro**; Pórcia: **Joana Fartaria**; Shylock, o judeu: **Francisco Costa**; Príncipes de Marrocos e Aragão: **André Gomes**; Salânio: **Miguel Martins**; Salarino: **Carlos António**; Tubal: **Alfredo Sobreira**.

A todos agradeço a grande lição de teatro.

H.B.

Bibliografia:

Esta tradução segue o texto inglês do «Quarto» de 1600, cotejado com **The Alexander Text of William Shakespeare – The Complete Works**, Peter Alexander (ed.), London & Glasgow: 1971 (Collins);

Foram também consultadas edições on-line:

<http://web.uvic.ca/shakespeare/index.html>

<http://tech-two.mit.edu/Shakespeare/>

Traduções de **O Mercador de Veneza** para português:

1879 – O mercador de Veneza: drama em cinco actos: tradução livre – Lisboa: Imprensa Nacional, 1879 [BN L.2851 V; BN L.2852 V;]

1881 – O mercador de Veneza, trad. Bulhão Pato – Lisboa: Typ. da Academia Real Sciencias, 1881 [BN L.2854 V]

1889 – O mercador de Veneza, trad. Rei Dom Luís de Bragança, com várias edições bilingues: Porto: Lello & Irmão, 1956; Mem Martins: Europa América, 1988 e 1998;

1912 – O Mercador de Veneza, trad. Dr. Domingos Ramos – Porto: Livr. Chardron, 1912 [BN L.30010 P]

1926 – O Mercador de Veneza, rev. de João Grave – Porto: Chardron, 1926 [BN L.29202 P]

1971 – O mercador de Veneza, trad. F. E. G. Quintanilha – Lisboa: Presença, 1971 [BN L.64672 P]

Ano	Eventos	Primeiras referências
1564	W.S. nasce a 23 de Abril	
1582	Casa com Anne Hathaway	
1583	Nasce filha Susanna	
1585	Nascem os gémeos Judith e Hamnet	
1587	Abandona Stratford	
1588	?	<i>Henry VI, Part One; Venus and Adonis; The Comedy of Errors; Love's Labour's Lost</i>
1589	?	<i>Henry VI, Part Two; Part Three;</i>
1590	?	<i>Richard III; King John</i>
1592	Em Londres - actor/dramaturgo Criticado por Greene e Henslowe,	<i>Titus Andronicus; Two Gentlemen of Verona</i>
1593	Relacionamento com Southampton	<i>The Rape of Lucrece</i>
1594	Membro fundador da companhia «Lord Chamberlain's Men»	<i>The Taming of the Shrew; A Midsummer Night's Dream; Romeo and Juliet;</i> Publicação pirateada de algumas peças («Bad» quarto)
1595		<i>Richard II</i>
1596	Morre Hamnet (11 anos)	<i>Henry IV, 1,2; The Merry Wives of Windsor; As You Like It; Much Ado About Nothing;</i> <i>The Merchant of Venice</i>
1597		Edição do «Quarto»
1599	Construção do Globe Theater – W.S. é sócio (10% dos lucros)	<i>Henry V; Julius Caesar; Hamlet Twelfth Night; Othello</i>
1600	Abre o Fortune Theater	
1601	Morre o pai de W.S.	
1603	Os «Lord Chamberlain's Men» tornam-se os «King's Men»,	
1604		<i>Measure for Measure; King Lear Macbeth; Timon of Athens</i>
1605		<i>Antony and Cleopatra; Coriolanus</i>
1606		<i>Pericles</i>
1607		<i>Cymbeline</i>
1608	«The King's Men» em Blackfriars Morre a mãe de W.S.	
1609		<i>Sonnets; The Winter's Tale</i>
1611		<i>The Tempest.</i>
1612	Colaboração com John Fletcher	<i>Henry VIII; [Cardenio]</i>
1613	Incêndio do Globe	<i>The Two Noble Kinsmen</i>
1616	W.S. Morre a 23 de Abril	
1623		Publicação do «First Folio»

Índice

Acto 1	3
Acto 2.....	18
Acto 3.....	40
Acto 4.....	60
Acto 5.....	76

A acção passa-se entre Veneza e Belmonte, o reino de Pórcia no Contiente.

Personagens

O DUQUE DE VENEZA

ANTÓNIO: um mercador de Veneza.

BASSÂNIO: Amigo de António, pretendente de Pórcia.

Amigos de António e Bassânio:

GRACIANO

SALÂNIO

SALARINO

SALÉRIO

LOURENÇO: apaixonado de Jessica.

LEONARDO: criado de Bassânio.

SHYLOCK: um judeu rico.

JESSICA: filha de SHYLOCK.

TUBAL: um judeu amigo deste.

LANCELOTE GOBBO: o bobo, criado de SHYLOCK.

VELHO GOBBO: Pai de LANCELOTE.

PÓRCIA: uma rica herdeira.

O PRÍNCIPE DE MARROCOS} Pretendentes de Pórcia.

O PRÍNCIPE DE ARAGÃO}

NERISSA: dama de companhia de Pórcia.

BALTASAR} Criados de Pórcia

ESTÉVÃO }

Magníficos de Veneza, oficiais do Tribunal,
um carcereiro, criados de Pórcia e gentes das comitivas

Acto 1, Cena 1

Veneza. Uma rua.

[*Entram António, Salarino, e Salânio.*]

ANTÓNIO

Na verdade, não sei porque estou tão triste
Irrita-me. E dizeis que vos irrita.
Mas como descobri, apanhei ou encontrei
De que matéria é feita, de onde nasce
Tal tristeza ainda estou para saber. [5]
E tão idiota ela me torna
Que tenho dificuldades em reconhecer-me

SALARINO

A mente baloiça-te sobre o oceano
Onde vogam os teus navios imponentes
Sobre as vagas, tais *signiors* e ricos burgueses [10]
Na verdade, um séquito do mar,
Suplantando em nobreza os pequenos piratas
Que lhes fazem cortesias e reverências
Quando os cruzam com as suas asas de pano.

SALÂNIO

Acredita, amigo, tivesse eu tais expectativas, [15]
A melhor parte dos meus afectos estaria
Lá longe com os meus bens. Andaria ainda
A apanhar palhas para ver donde sopra o vento,
A espiolhar nos mapas portos e pontões e estradas.
E quaisquer elementos que me pudessem fazer temer [20]
Desventura para os meus negócios, sem dúvida
Me tornariam triste.

SALARINO

O meu hábito a arrefecer-me a sopa
Dar-me-ia um febrão, só de pensar
Nos males que um vento forte causa no mar.
Se visse correr a areia de uma ampulheta, [25]
Pensaria só em baixios e bancos de areia,
E veria o meu rico *André* encalhado no fundo,
Os mastros mais abaixo que os costados,
A beijar a própria cova. Fosse eu à Igreja
E olhasse o santo edifício de pedra, [30]
Pensaria logo em escolhos perigosos
Que apenas roçando o meu nobre navio
Lhe espalhariam as especiarias na corrente
A vestir vagas rugidoras com as minhas sedas.
Numa palavra, até aqui valia tudo tanto [35]
E agora já nada vale? Seria eu capaz
De pensar nisto sem pensar também
Que, ocorrendo tal infortúnio me tornaria triste?
Mas não mo digam a mim. Eu sei. O António
Está triste a pensar nas suas mercadorias. [40]

ANTÓNIO

Acreditem que não – e agradeço-o à Fortuna.
Não tenho os meus bens confiados a um só casco
Nem a um só lugar. Nem sequer as minhas posses
Dependem das fortunas deste ano corrente.
Não são as mercadorias que me tornam triste. [45]

SALARINO

Bom, então estás apaixonado.

ANTÓNIO

Ná! Ná!

SALARINO

Nem estás apaixonado? Bom, então estás triste
Porque não estás alegre. E seria igualmente fácil
Rires e saltares e dizeres que estás alegre
Porque não estás triste. Pelas duas cabeças de Jano¹! [50]
Gente bem estranha cria a natureza nestes tempos:
A alguns sempre lhes brilham os olhos
E riem-se como papagaios diante de um gaiteiro,
E outros têm um aspecto tão avinagrado
Que nunca mostram os dentes num sorriso, [55]
Jure o sábio Nestor² que a piada é para rir.

[Entram Bassânio, Lourenço e Graciano]

SALÂNIO

Aí vem Bassânio, o teu mais nobre parente,
E Graciano e Lourenço. Adeus aos dois
Deixamo-vos agora em melhor companhia.

SALARINO

Eu teria ficado até conseguir tornar-te alegre [60]
Mas impedem-mo amigos mais interessantes.

ANTÓNIO

Também te acho a ti muito interessante,
Mas calculo que os negócios te chamem
E aproveites a oportunidade para partir.

SALARINO

Uma boa manhã, meus bons senhores [65]

BASSÂNIO

E amigos, quando poderemos rir? Quando?
Andam cada vez mais macambúzios, tem que ser assim?

SALARINO

Arranjaremos uns tempos livres para agradar aos vossos.
[Saem Salarino e Salânio]

LOURENÇO

Senhor Bassânio, dado que encontraste António
Nós os dois deixamo-vos. Mas à hora do jantar, [70]
Não se esqueçam onde temos que nos encontrar.

BASSÂNIO

Não faltarei.

GRACIANO

Não estás com bom aspecto, *Signior* António;
Tens demasiada consideração pelo mundo:
Perdem-na os que a compram com tantos cuidados. [75]
Acredita em mim, estás espantosamente mudado.

ANTÓNIO

Entendo o mundo apenas como o mundo, Graciano:
Um palco onde cada homem representa um papel,
E o meu é bem triste.

GRACIANO

Deixa que eu represente o papel do bobo:
Que as rugas da velhice venham com alegrias e risos, [80]
E que o meu fígado se aqueça antes com vinho
Do que o coração se me arrefeça em gemidos mortificantes.

Como pode um homem, de sangue quente por dentro,
Sentar-se como o seu avô talhado em alabastro?
Dormir quando se acorda e arrastar-se até à icterícia [85]
Por ser melancólico? Digo-te, António –

Gosto de ti, e é o meu amor quem fala –
Há uma raça de homens cujas caras

Ficam amarelas, dependuradas como lodo, [90]
E mostram uma quietude premeditada
A fim de que, na opinião alheia, seja tomada

Por sabedoria, gravidade, siso profundo
Como a dizerem: «Eu sou o Senhor Oráculo,
E quando abro a boca, que nem um cão ladre!».

Oh, meu António, conheço-os bem [95]
Aos que são assim tidos por sábios
Só por estarem calados. E tenho a certeza,

Que, se falassem, danariam os ouvidos
Que os ouvissem, e chamar-lhes-iam loucos. [100]
Falar-te-ei mais sobre isto num outro dia:

Mas não pesques, com a isca da melancolia,
Ser tão louco protagonista, nem ter tal reputação.
Vem, bom Lourenço. Adeus e até já,
Acabarei a minha exortação depois do jantar.

LOURENÇO

Bom, deixamos-te então até à hora de jantar: [105]
Eu também devo ser um desses sábios mudos,
Porque o Graciano nunca me deixa falar.

GRACIANO

Bom, acompanha comigo por mais dois anos
E nem reconhecerás o som da tua própria língua.

ANTÓNIO

Até logo. Por este caminho ainda me tornarei num falador. [110]

GRACIANO

Ainda bem, porque o silêncio só é recomendável
Em língua de vaca fumada, ou donzela não maridada.

[Saem Graciano e Lourenço]

ANTÓNIO

E agora que mais temos?

BASSÂNIO

Graciano fala muito, diz uma infinidade de nadas,
Mais que qualquer outro em Veneza. Um arrazoado como dois [115]
Grãos de trigo perdidos em dois palmos de palha:
Procuram-se o dia todo sem se acharem, e quando
Se encontram não valeram a procura.

ANTÓNIO

Bom, diz-me agora que dama é essa
Por quem juraste fazer uma peregrinação secreta, [120]
De que prometes-te falar-me hoje?

BASSÂNIO

É do teu conhecimento, António,
Quanto prejudiquei a minha fortuna
Com pompas muito mais faustosas
Do que me permitiam meus magros meios. [125]
Não me venho lamentar pela privação
De ostentações: a minha preocupação maior
É conseguir libertar-me das enormes dívidas
Em que os meus tempos demasiado pródigos
Me deixaram enterrado. A ti, António, é [130]
A quem mais devo em dinheiro e amor,
E é esse teu amor que me dá a garantia
De te poder confessar os propósitos e intenções
De me libertar de todas as dívidas que tenho.

ANTÓNIO

Peço-te, bom Bassânio, dá-mos a conhecer [135]
E, se estiverem, como tu próprio ainda estás,
Sob os olhos da honra, podes estar seguro
A minha bolsa, a minha pessoa, os meus últimos meios
Estão abertos à disposição das tuas oportunidades.

BASSÂNIO

Nos meus tempos de escola, quando perdia uma seta [140]
Atirava uma companheira na mesma direcção de voo

Da mesma maneira, com maior cuidado de observação
Para encontrar a primeira e, arriscando as duas,
Muitas vezes descobria as duas. Apresento esta prova infantil
Porque o que se segue é pura ingenuidade. [145]

Devo-te muito e, sendo jovem e extravagante,
O que devo está perdido. Mas se fizesses o favor
De atirar outra seta na mesma direcção
Em que atiraste a primeira, não tenho dúvidas,
Porque ficarei a observar o alvo, de que te trarei as duas [150]
De volta; ou a última que tu arricaste
E continuarei, reconhecido, devedor da primeira.

ANTÓNIO

Conheces-me bem, por isso não percas tempo
Com rodeios e cerimónias sobre o meu amor.
Sem dúvida que me ofendes mais agora [155]
Pondo em causa quanto faria por ti
Do que se tivesses desbaratado tudo o que é meu.
Diz-me só o que é que eu tenho que fazer
O que, na tua opinião, tem que ser feito por mim,
E prestarme-ei a isso. Portanto, fala. [160]

BASSÂNIO

Em Belmonte vive sozinha uma rica herdeira.
É bela, e mais bela ainda do que a palavra,
Tem virtudes maravilhosas. Recebi em tempos,
dos olhos dela, doces mensagens mudas.
Tem por nome Pórcia, e em nada é inferior [165]
À Filha de Catão³, à Pórcia de Bruto⁴;
Nem o vasto mundo lhe ignora o valor,
Porque de cada costa os quatro ventos lhe anunciam
Pretendentes notáveis. Os anéis solares do cabelo
Dependuram-se-lhe das fronteiras como um toirão de ouro, [170]
E transformam Belmonte nas margens da Cólquida⁵
Atraindo ali muitos Jasões⁶ em demanda dela.
Ah, meu António, tivesse eu os meios
De conquistar o lugar de rival a um deles
E sinto tais pressentimentos de tanta felicidade, [175]
Que sem dúvida alguma seria afortunado.

ANTÓNIO

Sabes que toda a minha fortuna anda no mar,
Não tenho dinheiro nem haveres
Para angariar uma soma no presente. Mas avança.
Tenta o que te der o meu crédito em Veneza: [180]
Que seja usado até aos limites,
Para te aparelhar até Belmonte, até à bela Pórcia.
Vai, pergunta primeiro, e eu também o farei,
Onde há dinheiro, e não levantarei problemas
Em tê-lo à conta de um aval, ou pelo meu nome. [185]

[*Saem.*]

Acto 1, Cena 2

Belmonte. Uma sala na casa de Pórcia.

[Entram Pórcia e Nerissa.]

PÓRCIA

Por Deus, Nerissa, o meu pequeno corpo está cansado deste grande mundo.

NERISSA

É natural que esteja, se a miséria for proporcional
À abundância das vossas fortunas. E
Pelo que vejo, ficam tão doentes com o excesso [5]
os que têm de mais, quanto os esfomeados com a falta.
Portanto a felicidade mediana estará situada na
mediana: o supérfluo antecipa os cabelos brancos, mas
o conveniente deixa viver mais tempo.

PÓRCIA

Boas palavras e bem ditas.

NERISSA

Seriam ainda melhores se fossem bem seguidas. [10]

PÓRCIA

Se fazer fosse tão fácil quanto saber o que se deve
Fazer, as capelas seriam igrejas, e as cabanas dos pobres
Palácios de príncipes. É bom pregador aquele
Que faz o que diz. Acho mais fácil aconselhar [15]
Vinte pessoas sobre o que fazer, do que ser eu uma das
Vinte a seguir os meus próprios conselhos. O cérebro pode
Ditar leis ao sangue, mas um temperamento exaltado
Ignora os frios decretos – a loucura da juventude
É uma lebre a saltar sobre as redes do coxo bom senso.
Mas tais raciocínios não me ajudam a escolher um marido. [20]
Pobre de mim, uso a palavra «escolher» e não
posso nem escolher quem eu queria, nem recusar quem
não quero: assim está a vontade da filha viva dominada
pela vontade de um pai morto. Não achas duro,
Nerissa, que não possa escolher alguém nem recusar ninguém? [25]

NERISSA

O seu pai era um homem virtuoso, e os santos homens
Têm boas inspirações à hora da morte. Portanto, a lotaria
Que ele inventou com essas três caixas de ouro,
Prata e chumbo, das quais quem descobrir o sentido [30]
A ganha a si, é, sem dúvida, para que seja bem escolhida
Só por quem souber muito bem amar. Mas que
Calor existe nos seus afectos por qualquer
Dos principescos pretendentes que aí chegaram?

PÓRCIA

Enumera-os, peço-te. À medida que os nomeares
Eu descrevê-los-ei e, de acordo com as minhas [35]
Descrições, podes avaliar os meus afectos.

NERISSA

Primeiro há o príncipe napolitano.

PÓRCIA

Ah, é decerto atrasado, porque não faz mais
Do que falar do cavalo. E acha que é grande
Vantagem a seu favor o facto de poder
Ferrá-lo ele próprio. Desconfio que a senhora sua mãe [40]
tenha andado a brincar com algum ferreiro.

NERISSA

Depois há o Conde Palatino.

PÓRCIA

Não faz mais do que franzir o sobrolho, como a dizer «Se
Não me quiseses, tanto pior». Ouve histórias divertidas e
Nem sorri. Receio que se mude num filósofo chorão
Quando envelhecer, dado que na juventude está já [45]
Tão tomado desta tristeza despropositada. Antes preferia
Casar-me com uma caveira de osso na boca
Do que com um deles. Deus me defenda dos dois!

NERISSA

E o nobre francês, Monsieur Le Bon?

PÓRCIA

Foi feito por Deus, temos que lhe chamar homem. [50]
Na verdade, sei que é pecado troçar, mas
Esse! Bom, tem um cavalo melhor que o
Do napolitano, e maior mania de franzir o sobrolho que
O Conde Palatino. É todos os homens em homem nenhum:
Se um tordo canta, põe-se logo aos saltos; [55]
Esgrimiria com a própria sombra: se casasse com ele,
Casaria com vinte maridos. Se me desprezasse
Perdoar-lhe-ia, porque mesmo amando-me até à loucura,
Nunca seria capaz de lhe retribuir.

NERISSA

E o que diz de Falconbridge, o jovem barão inglês? [60]

PÓRCIA

Sabes que não lhe digo nada, porque não me entende
Nem eu a ele: não sabe nem Latim, nem francês,
Nem Italiano, e se fosses a tribunal poderias
Jurar que não sei patavina de inglês.
É uma bela figura de homem, mas, infelizmente, quem [65]
Pode falar por mímica? E veste-se tão mal!

Acho que comprou o casaco em Itália, as largas calças em França, o chapéu na Alemanha e tem um comportamento de todas as partes.

NERISSA

E o que pensa do vizinho dele, o senhor escocês?

PÓRCIA

Que tem caridade de vizinho dentro de si, porque [70]
Enfiou um murro na orelha do inglês e
Jurou que lhe havia de dar outro quando pudesse:
Penso que o francês lhe ficou por avalista e assinou
De cruz à conta de outro.

NERISSA

Não gosta do jovem alemão, o sobrinho do duque da Saxónia?

PÓRCIA

Muito repugnante de manhã quando está sóbrio, e [75]
Ainda mais repugnante de tarde quando está bêbedo.
No seu melhor é um pouco pior que um homem, e
No seu pior é um pouco melhor que uma besta.
E o maior dos perigos que já corri. Espero poder
Fazer qualquer coisa para me ver livre dele. [80]

NERISSA

Caso ele se ofereça para escolher, e acerte na
Caixa, deveria recusar-se a cumprir com a
Vontade do seu pai, devia recusar-se a aceitá-lo.

PÓRCIA

Portanto, como receio o pior, peço-te que ponhas [85]
Um copo grande de vinho do Reno junto da caixa errada,
Porque se o diabo estiver lá dentro e essa tentativa
De fora, sei que a escolherá. Farei
Tudo, Nerissa, para não me casar com uma esponja.

NERISSA

Não tem que recear ser possuída por qualquer [90]
Desses senhores. Já me informaram sobre
Os seus desígnios. De facto querem regressar a
Casa e não vos maçarão mais com namoros, a não ser
Que vos possam conquistar por outras sortes que não
A dependente das caixas imposta por vosso pai.

PÓRCIA

Viverei até ser tão velha quanto a Sibila⁷, e morreréi tão [95]
Casta quanto Diana⁸, se não for conquistada nos termos
Do testamento de meu pai. Agrada-me que o lote de pretendentes
Seja tão razoável, porque nenhum de entre eles
Me atrai senão pela ausência, e peço a Deus

Que lhes conceda uma boa partida. [100]

NERISSA

Já não se lembra, senhora, ao tempo do seu pai, de um Veneziano? Um estudante e soldado, que veio até cá Na companhia do Marquês de Montferrato?

PÓRCIA

Sim, sim, era Bassânio, acho que se chamava assim.

NERISSA

É verdade, e de todos os homens em quem os meus tontos olhos se pousaram, era o que mais merecia uma bela mulher. [105]

PÓRCIA

Lembro-me bem dele, e de ser merecedor dos teus elogios.

[Entra um criado]

Ora boa! Que novidades trazes?

CRIADO

Os quatro estrangeiros procuram-vos, senhora, para Se despedirem. E há um mensageiro vindo de um Quinto, o Príncipe de Marrocos, que traz palavra de Que o príncipe seu senhor chegará aqui esta noite. [110]

PÓRCIA

Se eu pudesse acolher o quinto com tão Boa vontade como me despeço dos outros quatro, Ficaria contente pela sua chegada. Se for virtuoso Como um santo e negro como um diabo, antes Preferia que me confessasse do que me esposasse. Vem Nerissa. *[para o criado]* [115]

O “senhor”, vai adiante.

E mal fechamos os portões

Sobre um pretendente, outro bate à porta. [119]

[Saem]

Acto 1, Cena 3

Veneza. Um lugar público.

[Entram Bassânio e Shylock]

SHYLOCK

Três mil ducados. Bom.

BASSÂNIO

Sim, senhor, por três meses.

SHYLOCK

Por três meses. Bom.

BASSÂNIO

Pelos quais, como lhe disse, António será o fiador.

SHYLOCK

António será o fiador. Bom.

[5]

BASSÂNIO

Pode ajudar-me? Faz-me esse favor? Poderei
Saber a sua resposta?

SHYLOCK

Três mil ducados, por três meses e António por fiador.

BASSÂNIO

Qual é a sua resposta?

SHYLOCK

António é um bom homem.

[10]

BASSÂNIO

Já ouviu alguma coisa em contrário?

SHYLOCK

Oh, não, não, não não. O significado de dizer que ele é
Um homem bom é para que me perceba que
Chega. Porém, os bens dele são especulações:
Tem um navio a caminho de Tripoli, outro das
Índias. Ainda sei mais, ouvi ali no Rialto,
Vai um terceiro para o México, um quarto para Inglaterra
E tem outros negócios dispersos pelo estrangeiro. Mas
Navios são só tábuas, os marinheiros só homens: há ratos de terra
E ratos de água, ladrões na água e ladrões em terra,
Quero dizer piratas, e depois há os perigos do mar,
Dos ventos e dos rochedos. Apesar disso tudo, o homem
Chega. Três mil ducados. Acho que posso aceitar a fiança dele.

[15]

[20]

BASSÂNIO

Tenha a certeza de que pode.

SHYLOCK

Irei ter a certeza de que posso, e para que possa ter a certeza,
Irei pensar. Posso falar com António?

[25]

BASSÂNIO

Se quiser jantar connosco.

SHYLOCK

Sim, cheirar o porco. Comer a habitação para dentro da qual
O vosso profeta o Nazareno esconjurou o demónio. Eu
Comprarei convosco, venderei convosco, falarei convosco,
Passearei convosco, e por aí adiante, mas não comerei
Convosco, nem beberei, nem rezarei convosco. Que

[30]

Novidades no Rialto?

Quem vem aí?

[*Entra António*]

BASSÂNIO

Este é o *Signior* António.

[35]

SHYLOCK

[*Aparte*]

E como se parece com um publicano satisfeito!

Odeio-o porque é um cristão,

Mais ainda porque na sua baixa inépcia

Empresta dinheiro grátis e obriga-nos a baixar

A taxa dos juros aqui em Veneza.

[40]

Se o puder apanhar em falso uma só vez

Saciarei a velha raiva que lhe tenho.

Odeia a nossa nação sagrada, e até ali,

Onde os mercadores se costumam encontrar,

Zomba de mim, dos meus negócios e dos lucros bem ganhos,

[45]

A que chama usura. Que a minha tribo seja amaldiçoada

Se lhe perdoar!

BASSÂNIO

Ouvis, Shylock?

SHYLOCK

Estou a avaliar os meus bens actuais

E por estimativa aproximada, assim de memória,

Não posso de imediato juntar o grosso

[50]

Da soma de três mil ducados. Não importa.

Tubal, um judeu rico da minha tribo

Me proverá. Mas calma! Por quantos meses

Precisais?

[*Para António*] Seja bem aparecido, bom *Signior*

O vosso nome estava agora mesmo nas nossas bocas.

[55]

ANTÓNIO

Shylock, eu não empresto nem peço emprestado

Nem tomo, nem dou em excesso

Mas, para prover às necessidades urgentes do meu amigo,

Quebrarei o uso. Ele já foi informado

Do valor de que precisas?

SHYLOCK

Sim, sim, três mil ducados.

[60]

ANTÓNIO

E por três meses.

SHYLOCK

Já me tinha esquecido. Também mo disse.

Bom, então, a fiança. Deixem-me ver. Mas esperem:

Pareceu-me terdes dito que não emprestais nem pedis
Com juros.

ANTÓNIO

Nunca o faço. [65]

SHYLOCK

Quando Jacob⁹ pastava as ovelhas do seu tio Labão¹⁰ ...
Este Jacob veio do nosso Santo Abraão,
E como a sua sábia mãe intrigou em seu favor,
Foi o terceiro descendente – sim, o terceiro...

ANTÓNIO

E o que se passava com ele? Cobrava juros? [70]

SHYLOCK

Não. Não cobrava juros. Não, como vocês dizem,
Juros directos. Mas reparem no que fez Jacob.
Labão e ele próprio contrataram
Que todas as crias malhadas e listradas
Lhe ficariam como paga. Estando as ovelhas no cio [75]
No final do Outono, foram até aos carneiros.

E, quando o trabalho da geração se consumava
Entre estes propagadores lanosos, no acto,
O habilidoso pastor descascou algumas varas,
E, no fazer do feito da natureza, [80]

Espetou-as diante das ovelhas luxuriosas
Que então conceberam. E no tempo correcto
Nasceram crias de cores variadas, e essas foram de Jacob.
Era uma maneira de prosperar, e ele foi abençoado. A boa gestão
do dinheiro é uma bênção, se os homens não o roubarem. [85]

ANTÓNIO

Isso foi um acidente, no qual Jacob foi usado,
Algo que não estava em seu poder fazer acontecer,
Mas foi determinado e modelado pela mão dos céus.
Foi isto citado para tornar bom o juro?
Ou o teu ouro e prata são ovelhas e carneiros? [90]

SHYLOCK

Não sei. Faça-os reproduzirem-se com igual velocidade
Tome nota, *Signior*.

ANTÓNIO

Toma tu nota, Bassânio,
O demónio consegue citar as escrituras a seu favor.
Uma alma vil reproduzindo testemunhos sagrados
É como um velhaco de cara sorridente, [95]
Uma bela maçã podre no coração:
Oh, mas que exterior divino tem a falsidade!

SHYLOCK

Três mil ducados. É uma bela soma redonda.
Três meses em doze, então, deixem-me ver, a taxa...

ANTÓNIO

Bom, Shylock, estás apreensivo? [100]

SHYLOCK

Signior António, muitas vezes e com frequência
No Rialto me taxaste
Sobre os meus dinheiros e minhas usanças:
Até aqui o suporrei com um paciente encolher de ombros,
Porque o sofrimento é o emblema de toda a nossa tribo. [105]

Chamaste-me descrente, cão danado
E cuspieste sobre a minha capa judia
E isso tudo porque faço uso do que é muito meu.
Bom, parece que agora precisam da minha ajuda:
Vamos lá, então. Vêm até a mim, e dizem-me [110]

«Shylock, precisamos dos teus dinheiros», dizeis-me vós.
Depois de despejar a reuma na minha barba
E me terem escorraçado como um rafeiro vadio
À porta de casa: Dinheiro é o vosso objectivo.
O que vos posso dizer? Não vos respondo: [115]

«Será que um cão tem dinheiro? É possível
que um rafeiro possa emprestar três mil ducados?», Ou
Deverei curvar-me baixo e em tom de avalista,
Respiração contida, a humildade murmurada, e dizer:
«Bom Senhor, cuspieste em mim quarta-feira passada; [120]

desprezaste-me em tal dia; doutra vez
Chamaste-me cão; e por estas cortesias
Vos emprestarei assim muitos dinheiros»?

ANTÓNIO

É muito provável que assim te chame outra vez,
Que volte a cuspir-te em cima, a desdenhar-te também. [125]

Se emprestares esse dinheiro, não o faças
Como aos teus amigos. Desde quando a amizade
Faz criação com o metal estéril do seu amigo?
Mas empresta-o antes ao teu inimigo,
Sobre o qual, se falhar, podes com melhor cara [130]

Executar a penalidade.

SHYLOCK

Ora vejam, como se enfurece!
Podia ser seu amigo, querer a sua afeição,
Esquecer as ofensas com que me manchou,
Provir às presentes necessidades e não levar tostão [135]

De usura pelos meus dinheiros, e o senhor não me ouve:
Isto são mercês que ofereço.

BASSÂNIO

Isso seria mercê.

SHYLOCK

Esta mercê eu mostrarei.

Vinde comigo a um notário, e assinaí-me
Uma fiança única. E, por brincadeira, [140]

Se não me pagardes em tal dia,

Em tal lugar, tal soma ou somas como

Estipulado nas condições, deixai que o penhor

Seja exactamente meio quilo

Da vossa carne branca, a ser cortado e tomado [145]

Da parte do vosso corpo que mais me agradar.

ANTÓNIO

Muito contente, por Deus, selarei tal fiança

E direi que existe muita bondade no Judeu.

BASSÂNIO

Não assinarás um tal contrato por minha causa:

Prefiro continuar na minha necessidade. [150]

ANTÓNIO

O quê, não temas, homem. Não serei penhorado:

Dentro de dois meses, ou seja, um mês antes

Do contrato expirar, espero o regresso

De três vezes o triplo do valor desta fiança.

SHYLOCK

Oh pai Abraão! Como são estes Cristãos, [155]

Cujos negócios duros lhes ensinam a suspeitar

Das intenções dos outros! Peço-vos, digam-me:

Se ele não cumprir o prazo, que ganharei eu

Pela execução da penhora?

Meio quilo de carne humana tirada a um homem [160]

Não é tão estimável, nem lucrativo,

Como a carne de carneiros, bois ou bodes. Digo,

Para comprar as boas graças, não taxo esta amizade.

Se ele a aceitar, muito bem. Se não, *adiem*.

E quanto ao meu amor, façam-me justiça. [165]

ANTÓNIO

Sim, Shylock, eu assinarei essa fiança.

SHYLOCK

Então esperai-me no notário;

Dai-lhe instruções para essa penhora engraçada,

E eu desembolsarei imediatamente os ducados,

Passarei por minha casa, que deixei à guarda temerosa

De um vilão desgovernado, e logo a seguir [170]

Irei ter convosco.

ANTÓNIO

Até breve, amável Judeu.

[Sai Shylock]

O hebreu vai tornar-se cristão: está a ficar bondoso.

BASSÂNIO

Não gosto de termos bonitos em mente de velhaco.

ANTÓNIO

Vá lá, aqui não pode haver qualquer receio:

[175]

Os navios chegam-me a casa um mês antes da data.

[Saem]

Acto 2, Cena 1

Belmonte. Uma sala em casa de Pórcia.

Toque de clarins.

*[Entram o Príncipe de Marrocos e a sua comitiva;
Pórcia, Nerissa, e outros criados]*

MARROCOS

Não vos desgosteis de mim pela minha cor
A sombria libré do sol ardente,
De quem sou vizinho e próximo na raça.
Trazei-me a mais bela criatura nascida a norte
Onde os raros fogos de Febo mal derretem os gelos, [5]
E, por vosso amor, façamos uma incisão
Para ver qual dos nossos sangues é mais vermelho.
Digo-vos, senhora, este meu aspecto
Tem aterrado os valentes. Mas pelo meu amor juro
Que as mais reputadas virgens do nosso clima [10]
Também o têm amado. Só mudaria esta cor
Para vos roubar os pensamentos, gentil rainha.

PÓRCIA

Em termos de escolha não sou apenas guiada
Pela suave orientação de uns olhos de donzela;
Além disso, a lotaria do meu destino [15]
Veda-me o direito à escolha voluntária.
Mas se meu pai me não tivesse coarctado
E pelo espírito enclausurado a conceder-me
Como esposa a quem me ganhe pelos meios que sabeis,
Vós, príncipe famoso, teríeis tão justo direito [20]
Quanto qualquer dos visitantes que até agora vi
À minha afeição.

MARROCOS

Até por isso vos agradeço.
Portanto, peço-vos, conduzi-me às caixas
Para tentar a minha fortuna. Por esta cimitarra
Que despedaçou o Xá e um príncipe persa, [25]
Que ganhou três campos ao Sultão Solimão,
Eu venceria em brilho os olhos mais duros,
Em coragem o coração mais ousado da terra,
Arrancaria à ursa as jovens crias de leite,
Sim, zombaria do leão quando ruge pela presa, [30]
A fim de vos conquistar, senhora. Mas, infeliz!
Se Hércules e Licoas¹¹ jogam aos dados
Quem é o melhor homem, o lance maior,
Pela Fortuna, pode cair na mão mais fraca:
Assim foi Alcides¹² vencido pelo seu pajem; [35]
E assim posso eu, guiado pela Fortuna cega,
Perder o que outro menos digno pode alcançar,
E morrer de desgosto.

PÓRCIA

Tereis de correr o risco:
Seja de nem sequer tentar escolher, ou jurar
Antes de escolher que, se escolherdes mal, [40]
Depois nunca mais fareis a uma senhora
Propostas de casamento. Por isso, reconsiderai.

MARROCOS

Não o farei. Vamos, levai-me até ao meu destino.

PÓRCIA

Primeiro vamos ao templo. Depois do jantar
A vossa sorte será lançada. [45]

MARROCOS

Boa fortuna, então!
Para me tornar o mais venturoso ou desventuroso dos homens.
[Clarins, e sai]

Acto 2, Cena 2

Veneza. Uma rua.
[Entra Lancelote]

LANCELOTE

Decerto que a minha consciência me servirá para fugir ao
Judeu meu amo. Tenho o diabo sobre o ombro
A tentar-me dizendo: «Gobbo, Lancelote Gobbo, bom
Lancelote», ou «bom Gobbo», ou bom Lancelote
Gobbo usa as tuas pernas, arranca, fuge». A [5]
Minha consciência diz: «Não. Tem calma, honesto Lancelote.
Ouve, honesto Gobbo, ou como antes disse, honesto
Lancelote Gobbo, não fujas. Despreza o dar aos
calcanhares». Bom, mais corajoso o diabo desafia-me
a fazer as malas. «Alá!», diz o diabo: «Vai-te embora!» diz [10]
O diabo. «Porque os céus animam a alma corajosa»
diz o diabo, «e corre». Bom, a minha consciência,
Pendurada ao pescoço do meu coração, diz-me muito sabiamente:
«Meu honesto amigo Lancelote, sendo o filho
de um homem honesto, ou antes de uma mulher honesta – porque, [15]
de facto, o que o meu pai fez foi uma coisa esperta, fez uma coisa
crescer, tinha um certo gosto. Bom, a minha consciência
diz «Lancelote, não te mexas». «Mexe-te» diz o
diabo. «Não te mexas», diz a minha consciência.
«Consciência», digo eu, «aconselhas bem». «Diabo», [20]
digo eu, «aconselhas bem». Para ser governado pela minha
consciência, deveria ficar com o meu amo o Judeu,
o qual, Deus me perdoe, é uma espécie de demónio. E para
fugir do Judeu, deveria ser governado pelo
diabo, o qual, salvo todo o respeito, é o demónio [25]
ele próprio. Decerto que o Judeu é o demónio ele mesmo
incarnado. E, na minha consciência, a minha consciência é

uma espécie de consciência severa, a oferecer-me conselhos
para ficar com o Judeu. Mas o diabo dá o conselho
mais amigável. Fugirei, diabo. Os meus calcanhares [30]
estão às tuas ordens, fugirei.

[Entra o Velho Gobbo com um cesto]

GOBBO

Senhor jovem rapaz, tu, peço-te, qual é o caminho
Para a casa do Senhor Judeu?

LANCELOTE

[À parte] Ó Céus, este é o pai verdadeiro que me gerou!
Que está mais do que pitosga, cego de todo, [35]
E não me reconhece. Vou armar confusão com ele.

GOBBO

Senhor jovem rapaz, tu, peço-te, qual é o caminho
Para a casa do Senhor Judeu?

LANCELOTE

Vira à tua direita na próxima esquina, mas
Na esquina mais próxima de todas, à esquerda. E, na [40]
Esquina imediatamente a seguir não vires para lado nenhum, mas
Para baixo indirectamente até à casa do Judeu.

GOBBO

Pelos santinhos de Deus, vai ser difícil de encontrar. Podes
Dizer-me se um tal Lancelote
Que vive com ele, vive com ele ou não? [45]

LANCELOTE

Falas do jovem Senhor Lancelote?
[À parte]
Notai bem agora, agora vou picá-lo. Estás
A falar do jovem Senhor Lancelote?

GOBBO

Não é um Senhor, senhor, só o filho de um homem pobre: o pai dele
Embora seja eu a dizê-lo, é um homem honesto e muito pobre [50]
E, Deus seja louvado, com saúde para vender.

LANCELOTE

Bom, que o pai dele seja o que quiser, estamos a falar
Do jovem Senhor Lancelote.

GOBBO

Do amigo de vossa excelência, e do Lancelote, senhor.

LANCELOTE

Mas peço-vos, *ergo*, velho homem, *ergo*, imploro-vos,
Estais a falar do jovem Senhor Lancelote? [55]

GOBBO

De Lancelote, se agradar a vossa excelência.

LANCELOTE

Ergo, do Senhor Lancelote. Não fales do Senhor
Lancelote, paizinho, porque o jovem cavalheiro,
Segundo os Fados e Destinos e tais estranhos
Dizeres, as Três Irmãs¹³ e tais ramos do [60]
Saber, está de facto falecido, ou, como poderias dizer
Em termos comuns, foi para o céu.

GOBBO

Santa Maria, Deus o defenda! O rapaz era a verdadeira bengala
Da minha velhice, o meu verdadeiro bordão.

LANCELOTE

Será que me pareço com um cacete ou uma coluna, uma bengala [65]
Ou um bordão? Não me reconheces, pai?

GOBBO

Infeliz o dia, eu não vos conheço, jovem cavalheiro.
Mas, peço que me digais, se o meu rapaz, Deus tenha em descanso
a sua alma, está vivo ou morto? [65]

LANCELOTE

Não me reconheces, pai?

GOBBO

Infelizmente, senhor, estou pitosga de todo, não vos conheço.

LANCELOTE

Não, de facto, se tivesses olhos, poderias falhar em [70]
Reconhecer-me: é sábio o pai que reconhece o seu
Próprio filho. Bom, velho homem, dar-te-ei notícias do
Teu filho: dá-me a tua bênção: a verdade virá à luz;
Não se pode ocultar o crime por muito tempo; a um filho
Pode, mas com o tempo a verdade vem ao de cima. [75]

GOBBO

Peço-vos, senhor, levantai-vos: tenho a certeza de que não sois
Lancelote, o meu rapaz

LANCELOTE

Peço-te eu, deixemo-nos de brincadeiras com isto, mas
Dá-me a tua bênção: eu sou Lancelote, o teu rapaz
Que foi, o teu filho que é, a tua criança que será.

GOBBO

Não consigo aceitar que sejas o meu filho.

LANCELOTE

Não sei o que pensar disso: mas eu sou [80]
Lancelote, o criado do Judeu, e tenho a certeza que Margarida, a tua
Mulher, é a minha mãe.

GOBBO

O nome dela é mesmo Margarida, de facto: diabos me levem, se
Sois Lancelote, sois a minha própria carne e sangue.
Que Deus seja louvado!
[*Lancelote mostra-lhe a nuca*] Mas que barba arranjaste [85]
Tu! Tens mais pelos no queixo do que
Dobbin, o esquelético do meu cavalo, tem na cauda.

LANCELOTE

Parece então, que a cauda de Dobbin cresce
Ao contrário: tenho a certeza que da última vez que o vi
tinha mais crina na cauda que pêlos eu tenho na cara. [90]

GOBBO

Deus, como estás mudado! Como é que tu e o teu amo se dão?
Trouxe-lhe um presente.
Como é que se dão agora?

LANCELOTE

Bem, bem. Mas, pela minha parte, como achei
o meu descanso em fugir, não descansarei enquanto não tiver [95]
Corrido um bocado. O meu amo é um verdadeiro Judeu: dar-lhe
Um presente? Dá-lhe uma corda: passo fome
ao serviço dele; podes contar-me as costelas
com os dedos. Pai, fico contente que tenhas vindo: dá-me o teu
presente a um tal Senhor Bassânio, o qual, de facto, [100]
dá librés raras e novas. Se não o servir a ele,
correrei até tão longe quanto terra Deus tem. Oh rara
Sorte! Aí vem o homem, a ele pai. Seja eu
Judeu se servir o Judeu por mais tempo.
[*Entram Bassânio, com Leonardo e outros seguidores*]

BASSÂNIO

Podes fazê-lo, mas tão depressa que o jantar esteja [105]
Pronto o mais tardar às cinco em ponto. Vai
Entregar estas cartas; manda fazer as librés,
E pede a Graciano que venha já a minha casa.
[*Sai um criado*]

LANCELOTE

A ele, pai.

GOBBO

Que Deus abençoe vossa excelência.

BASSÂNIO

Muito obrigado! Queres alguma coisa de mim? [110]

GOBBO

Está aqui o meu filho, senhor, um pobre rapaz,...

LANCELOTE

Um pobre rapaz, não, senhor, mas o criado do rico Judeu; que
quereria, Senhor, como meu pai especificará...

GOBBO

Ele tem uma grande infecção, senhor, como se poderia dizer,
para servir...

[115]

LANCELOTE

Na verdade, o breve e o longo é que, eu sirvo o Judeu,
E tenho um desejo, como meu pai especificará...

GOBBO

Ele e o amo dele, ressaltando a reverência a vossa excelência
Não se pode dizer que sejam unha com carne...

LANCELOTE

Para ser breve, a verdade verdadeira é que o Judeu é
Injusto comigo, obriga-me, como meu pai, sendo, eu
Espero, um velho, vos frutificará...

[120]

GOBBO

Tenho aqui um prato de pombos que gostaria de oferecer
a vossa excelência, e a minha petição é...

LANCELOTE

Muito brevemente, é impertinente fazer eu a petição, como
Vossa senhoria o virá a saber por este honesto velho. E,
Embora eu o diga, embora velho, porém pobre, é meu pai.

[125]

BASSÂNIO

Um que fale pelos dois. O que é que querem?

LANCELOTE

Servir-vos, senhor.

GOBBO

É esse o verdadeiro defeito do assunto, senhor.

[130]

BASSÂNIO

Conheço-te bem, a tua petição foi aceite:
Shylock, o teu amo falou comigo hoje,
E fez-te o favor a ti – se é favor
Trocar o serviço de um Judeu rico, pela
Comitiva de um fidalgo tão pobre.

[135]

LANCELOTE

O velho provérbio é bem partilhado entre o meu

Amo Shylock e vós, senhor: vós tendes a graça de Deus, senhor, e ele tem quanto baste.

BASSÂNIO

Disseste-o bem. Vai com o teu filho, pai
Despede-te do teu antigo amo e vai ter à [140]
A minha morada. Dai-lhe uma libré
Mais ataviada que a dos outros: trata disso.

LANCELOTE

Pai, vamos. Não consigo emprego, não. Nunca encontro
As palavras na cabeça. Bom, se algum homem em [145]
Itália possuir melhor palma que se ofereça para jurar
Sobre a Bíblia, terei boa sorte. Ora aqui está
Uma linha da vida simples: uma pequena ninharia
De mulheres. Infeliz: quinze mulheres não são nada! Onze
Viúvas e nove donzelas são um simples começo para um [150]
Homem. E escapar ao afogamento três vezes e ficar
Em perigo de vida à beira de um colchão de penas;
Eis pequenos acidentes. Bom, se a Fortuna for
Mulher, não é séria nestes assuntos. Pai,
Vamos. Vou-me despedir do Judeu num piscar de olhos.
[Saem Lancelote e o velho Gobbo]

BASSÂNIO

Peço-te, bom Leonardo, trata de tudo. [155]
Depois de comprares as coisas e as aparelhares,
Regressa rápido, porque esta noite dou uma festa
Para o meu mais querido amigo. Despacha-te, vai.

LEONARDO

Farei o melhor que puder para tratar de tudo.
[Entra Graciano]

GRACIANO

Onde está o teu amo?

LEONARDO

Caminha ali adiante, senhor. [160]
[Sai]

GRACIANO

Signior Bassânio!

BASSÂNIO

Graciano!

GRACIANO

Tenho um pedido a fazer-te.

BASSÂNIO

Já foi concedido.

GRACIANO

Não podes recusar-mo: tenho que ir contigo a Belmonte.

BASSÂNIO

Bom, então tens que vir. Mas ouve Graciano, [165]

És demasiado rude, mal-educado, falas alto de mais,

Aspectos que te ficam bem que baste

E que a nossos olhos não parecem defeitos.

Mas onde não te conhecem, bom, aí mostram-te

Demasiado rebelde. Peço-te, dá-te ao trabalho [170]

De acalmar com algumas frias gotas de modéstia

Esse espírito irrequieto, pois, pela tua turbulência

Posso ser mal interpretado no lugar aonde vou,

E perder as minhas esperanças

GRACIANO

Signior Bassânio, ouve-me:

Se eu não exhibir um aspecto mais sóbrio, [175]

Falar com respeito e só disser palavrões de vez em quando,

Usar o livro de orações na algibeira e tiver um olhar solene,

Ná, mais, se quando rezarem, cobrir os olhos

Assim com o chapéu, e suspirar ao dizer «amen»,

Se não seguir todas as observâncias da civilidade [180]

Como alguém bem-educado numa atitude severa

Para agradecer à avó, nunca mais confies em mim.

BASSÂNIO

Bom, veremos como te portas.

GRACIANO

Mas excluímos esta noite: não me julgues ainda

Pelo que fizermos esta noite.

BASSÂNIO

Não, isso seria uma pena. [185]

Desafio-te antes para pores

A tua mais ousada fatiota de alegria, porque vêm amigos

Com vontade de se divertirem. Agora, boa viagem:

Tenho assuntos a tratar.

GRACIANO

E eu vou ter com Lourenço e os outros: [190]

Mas vamos visitar-te à hora de jantar.

[Saem]

Acto 2, Cena 3

O mesmo local. Uma sala em casa de Shylock.

[Entram Jessica e Lancelote]

JESSICA

Tenho pena que deixes o meu pai assim:
A nossa casa é um inferno, e tu, um alegre diabo,
Roubaste-lhe algum gosto ao tédio.
Mas faz boa viagem, há um ducado para ti.
Lancelote, em breve ao jantar verás [5]
Lourenço, que é convidado do teu novo amo:
Dá-lhe esta carta, fá-lo em segredo.
E assim adeus: não quero que o meu pai
Me veja a falar contigo.

LANCELOTE

Adieu! Lágrimas falai por mim! Mais bela [10]
Das pagãs, tão doce judia! Se um cristão não se fizer
De truão para vos apanhar, ficarei muito desiludido. Mas,
Adieu: estas loucas gotas afogam o meu
Espírito masculino: *adieu.*

JESSICA

Adeus, bom Lancelote. [15]
[Sai Lancelote]
Infeliz, que pecado odioso há em mim
Que tenho vergonha de ser filha do meu pai!
Mas embora seja filha do sangue dele,
Não o sou dos seus costumes. Oh, Lourenço
Se cumprires a tua promessa terá fim esta luta, [20]
Tornar-me-ei cristã e tua amante esposa.
[Sai]

Acto 2, Cena 4

O mesmo local. Uma rua.

[Entram Graciano, Lourenço, Salarino e Salânio]

LOURENÇO

Ná, esgueiramo-nos à hora do jantar
Mascaramo-nos em minha casa e regressamos:
Tudo numa hora.

GRACIANO

Não estamos bem preparados.

SALARINO

Ainda não combinámos quem leva a lanterna. [5]

SALÂNIO

É um acto vil, se não for bem organizado
E por mim seria melhor desistirmos.

LOURENÇO

São só quatro da tarde: temos duas horas
Para nos apetrecharmos.

[Entra Lancelote, com uma carta]

Amigo Lancelote, que notícias trazes?

LANCELOTE

E irá agradar-vos recebê-las
Isto parece significativo.

[10]

LOURENÇO

Conheço a mão: por Deus, é uma bela mão.
É mais branca do que o papel em que escreveu
É a bela mão que escreveu.

GRACIANO

Novas de amor, calculo.

LANCELOTE

Com vossa licença, senhor.

[15]

LOURENÇO

Onde é que vais?

LANCELOTE

Na verdade, senhor, convidar o meu antigo amo o
Judeu para jantar esta noite com o meu novo amo o Cristão.

LOURENÇO

Espera aí, leva isto: diz à gentil Jessica
Que não lhe faltarei. Fala-lhe em particular.
Ide senhores. *[Sai Lancelote]*
Ireis preparar-vos para a mascarada desta noite?
Já arranjei um portador para a lanterna.

[20]

SALÂNIO

É verdade, vou tratar disso imediatamente.

SALARINO

E eu também.

LOURENÇO

Venham ter comigo e com Graciano
A casa dele daqui a uma hora.

[25]

SALARINO

Assim faremos.

[Saem Salarino e Salânio]

GRACIANO

A carta, não era da bela Jessica?

LOURENÇO

Tenho mesmo que te contar tudo. Dá instruções
Para o modo como a posso levar de casa do seu pai, [30]

Com que ouro e jóias está provida,
O fato de pagem que tem pronto a usar.

Se alguma vez o Judeu seu pai entrar no céu
Será por amor de Deus a esta sua gentil filha: [35]

E nunca ouse a Fortuna fazê-la tropeçar,
A não ser que o faça com a desculpa

De ela ter saído de um Judeu infiel.

Anda, vem comigo. Vais lendo pelo caminho:

A bela Jessica levará a lanterna.

[Saem]

Acto 2, Cena 5

O mesmo local. Diante da casa de Shylock.

[Entram Shylock e Lancelote]

SHYLOCK

Bom, os teus olhos serão os teus juizes, tu verás

A diferença entre o velho Shylock e Bassânio:

– Então, Jessica! – Não poderás ser tão glutão

Como em minha casa – Então, Jessica! –

E dormir e rressonar, e estragares as roupas [5]

– Então, Jessica! Não ouves!

LANCELOTE

– Então Jessica!

SHYLOCK

Cala-te. Quem te mandou chamá-la?

LANCELOTE

Vossa excelência estava sempre a dizer-me

Que eu não sabia fazer nada sem ser mandado.

[Entra Jessica]

JESSICA

Chamou? Deseja alguma coisa? [10]

SHYLOCK

Fui convidado para um jantar, Jessica:

Aqui estão as minhas chaves. Mas porque hei-de ir?

Não me convidaram por amor. Lisonjeiam-me.

Mas irei por ódio, para o alimentar

À conta do pródigo Cristão. Jessica, minha filha, [15]

Toma conta da minha casa. Não me apetece nada ir:
Algum mal anda a fermentar contra o meu descanso,
Porque a noite toda sonhei com sacos de dinheiro.

LANCELOTE

Peço-vos, senhor, ide: o meu jovem amo espera
As vossas reprovações [20]

SHYLOCK

Como eu as dele.

LANCELOTE

E eles conspiraram juntos. Não queria dizer-vos
Que ides ver uma mascarada. Mas se virdes, então não foi
em vão que o meu nariz se sentiu sangrar na
última segunda-feira santa às seis da manhã, [25]
tendo caído nesse ano na quarta-feira de cinzas faz
quatro anos, de tarde.

SHYLOCK

O quê? Vai haver mascaradas? Escuta bem, Jessica:
Tranca-me as portas. E quando ouvires os tambores
E os guinchos de enforcado das gaitas de foles,
Não trepes até às bandeiras das janelas [30]
Nem enfies a cabeça para espreitar a rua
A olhar esbugalhada os bobos cristãos de caras pintadas,
Mas tapa os ouvidos da minha casa, quero dizer, as janelas
Não deixes que o som da futilidade vazia entre
Na minha sóbria casa. Pela vara de Jacó, juro [35]
Que não me apetece nada festejar esta noite:
Mas irei. Vai lá à minha frente, mariola.
Diz-lhes que irei.

LANCELOTE

Irei adiante de vós, senhor. Minha ama, espreitai
Tudo da janela, porque virá aí um rapaz cristão [40]
bem digno do olhar de uma judia
[Sai]

SHYLOCK

Que te disse o maluco desse filho de Agar, hem?

JESSICA

As palavras dele foram «Adeus, senhora» e nada mais.

SHYLOCK

É um parvo bondoso, mas um grande comilão
Trabalha a passo de caracol, e dorme de dia mais [45]
Que um gato vadio: não quero zangãos cá na colmeia
Por isso me separo dele, e separo-me dele
Em favor de outro, a quem irá ajudar a desperdiçar
A bolsa que pediu emprestada. Entra, Jessica.

Talvez eu volte já a seguir: [50]
Faz o que te peço. Tranca as portas sobre ti.
Bem amarrado, bem encontrado.
Um ditado nunca bafiento para uma mente frugal.
[Sai]

JESSICA

Adeus. E se a minha fortuna não for cortada
Perderei um pai, e tu uma filha perderás. [55]
[Sai]

Acto 2, Cena 6

No mesmo local.
[Entram Graciano e Salarino mascarados]

GRACIANO

Esta é a varanda debaixo da qual Lourenço
Nos disse para esperarmos.

SALARINO

A hora dele está quase a passar.

GRACIANO

É surpreendente que ele deixe passar a sua hora
Os amantes correm sempre à frente do relógio.

SALARINO

Ah! Dez vezes mais velozes voam as pombas de Vénus [5]
Para selar laços de amor recentes, do que
Para manter e cumprir a obrigação de juras feitas!

GRACIANO

É sempre assim: quem se levanta de um banquete
Com o mesmo apetite com que se sentou?
Onde está o cavalo que consegue regressar [10]
Pelos mesmos trilhos tediosos com o ardor indomável
Da primeira vez? Todas as coisas que existem
Com mais entusiasmo são caçadas do que gozadas.
Tal como um adolescente ou um pródigo
Sai da baía nativa a barca embandeirada, [15]
Acarinhada e abraçada pelo vento lascivo!
Tal como o filho pródigo regressa ela,
Os costados gastos pelo tempo, velas rasgadas,
Magra, faminta e mudada em pedinte pelo vento lascivo!

SALARINO

Aí vem Lourenço. Deixemos o resto para depois. [20]
[Entra Lourenço]

LOURENÇO

Bons amigos, paciência pela minha demora;
Não eu, mas os negócios, vos fizeram esperar.
Quando vos aprouver representar os ladrões de mulheres,
Esperarei igual tempo por vós. Aproximem-se.
Aqui mora o meu pai Judeu. Eh, está alguém em casa? [25]
[Aparece Jessica, em cima, vestida com roupas de rapaz]

JESSICA

Quem chama? Dizei-me, para ter mais certeza,
Embora eu jure que reconheço bem a voz.

LOURENÇO

Lourenço, e o teu amor.

JESSICA

Lourenço, certo, e o meu amor, decerto,
Pois quem amo eu tanto? E agora quem sabe [30]
Senão tu, Lourenço, se sou tua?

LOURENÇO

Os céus e os teus pensamentos são testemunha de que és.

JESSICA

Vá, apanha esta caixa. Vale o esforço.
Ainda bem que é de noite, e não olhes para mim,
Porque muito me envergonho desta minha troca: [35]
Mas o amor é cego e os amantes não podem ver
As belas loucuras que eles próprios cometem
Porque, se pudessem, o próprio Cupido coraria
De me ver assim mudada num pajem.

LOURENÇO

Desce porque tens que me levar a lanterna. [40]

JESSICA

Ora, tenho ainda que iluminar a minha vergonha?
Ela por si, na verdade, é já clara, clara de mais.
Ora, isso é ofício de descoberta, amor,
E eu deveria ser encoberta.

LOURENÇO

E assim serás, querida,
Por essa bela fatiota de rapaz. [45]
Vem depressa,
A noite cerrada também é fugitiva,
E esperam-nos na festa de Bassânio.

JESSICA

Abrirei as portas depressa, e dourar-me-ei
Com mais alguns ducados. Desço já. [50]
[Desaparece em cima]

GRACIANO

Ora, pelo meu chapéu, uma gentia e nenhum Judeu.

LOURENÇO

Que eu seja sandeu, mas amo-a do coração;
Porque é sábia, se a posso julgar
E bela, se os olhos não me mentem,
E sincera é ela, como o tem provado ser.
Portanto, igual a si própria, sábia, bela e sincera,
Será instalada na minha alma constante.

[55]

[Entra Jessica, em baixo]

Ora, vieram todos? Vamos, senhores, embora!
Os mascarados já devem estar à nossa espera.

[Saem com Jessica e Salarino. Entra António]

ANTÓNIO

Quem está aí?

[60]

GRACIANO

Signior António!

ANTÓNIO

Vá, vá, Graciano! Onde estão os outros?
São nove horas: os nossos amigos esperam-te.
Nada de máscaras esta noite: o vento decidiu mudar
Agora, Bassânio vai embarcar.
Já mandei uns vinte à tua procura.

[65]

GRACIANO

Fico contente por isso. Não desejo mais deleites
Do que embarcar e partir esta noite.

[Saem]

Acto 2, Cena 7

Belmonte. Uma sala em casa de Pórcia.

Som de clarins.

[Entra Pórcia, com o Príncipe de Marrocos e a sua comitiva]

PÓRCIA

Ide, afastai as cortinas e mostrai
As várias caixas a este nobre príncipe.
Fazei agora a vossa escolha.

MARROCOS

A primeira, de ouro, esta inscrição traz:
«Quem me escolher ganhará o que muitos homens desejam».
A segunda, de prata, esta promessa transporta:
«Quem me escolher receberá tanto quanto merece».
Esta terceira, de chumbo baço, traz um aviso igualmente rude:

[5]

«Quem me escolher tem que dar e arriscar tudo o que tem».
Como saberei se irei escolher a correcta? [10]

PÓRCIA

Uma delas contém o meu retrato, príncipe:
Se escolheres essa, então serei vossa com tudo.

MARROCOS

Que algum deus me oriente o julgamento! Vejamos.
Vou ler as inscrições ao contrário.
O que diz a caixa de chumbo? [15]

«Quem me escolher tem que dar e arriscar tudo o que tem».
Dar em troca de quê? De chumbo? Arriscar por chumbo?
Esta caixa ameaça. Os homens que tudo arriscam
Fazem-no na esperança de grandes recompensas,
Uma mente de ouro não se rebaixa à visão da ganga. [20]
Então nada darei nem arriscarei por chumbo.

O que diz a de prata com a sua cor virginal?
«Quem me escolher receberá tanto quanto merece».
Tanto quanto mereces! Espera um pouco, Marrocos
E pesa o teu valor com mão serena: [25]

Se fosses avaliado pela conta em que te tens
Devias merecer bastante; porém, bastante
Pode não chegar tão longe quanto a senhora:
E no entanto ter medo dos meus méritos
Seria apenas desvalorizar-me a mim próprio. [30]

Tanto quanto mereço! Ora, isso é a senhora.
Mereço-a pelo nascimento, e pelas fortunas,
Em graças e em qualidades de educação.
Mas mais do que isso, mereço-a por amor. [35]
E se não divagasse mais, e ficasse por aqui?

Vejamos de novo os dizeres gravados a ouro:
«Quem me escolher ganhará o que muitos homens desejam»
Ora, isso é a senhora. Deseja-a o mundo todo.
Dos quatro cantos da terra vêm eles,
Para beijar este relicário, esta santa mortal viva. [40]

Os desertos da Hircânia e os vastos ermos
Da grande Arábia são como estradas agora
À conta dos príncipes que vêm ver a bela Pórcia.
O reino das águas, cuja fronte ambiciosa
Cospe na cara do céu, não é impedimento [45]

Para deter espíritos estrangeiros, e eles vêm,
Como quem passa um regato, para ver a bela Pórcia.
Uma destas três contém o seu retrato celestial.
Será que o chumbo o contém? Seria maldição
Ter um pensamento tão baixo: é demasiado grosseiro [50]

Até para lhe acolher a mortalha na campa obscura.
Ou deverei pensar que está emparedada em prata,
Com dez vezes menos valor que o ouro contrastado?
Oh pensamento pecaminoso! Nunca gema tão rica
Foi encastada em menos que ouro. Há em Inglaterra [55]

Uma moeda que apresenta a cara de um anjo
Cunhada a ouro, mas apenas nela esculpido.
Aqui há um anjo numa cama de ouro
A repousar lá dentro. Entregai-me a chave:
Eu escolho esta, e prosperarei como puder! [60]

PÓRCIA

Aqui está, pegai-lhe príncipe; e se a minha forma aí estiver
Então serei vossa.

[Abre o baú de ouro]

MARROCOS

Inferno! O que temos aqui?
Uma caveira putrefacta, e numa órbita vazia
Traz um rolo de pergaminho! Vou ler o escrito.

[Lê]

Nem tudo o que brilha é ouro, [65]
Muitas vezes ouviste dizer.
A vida muitos foram vender,
Só para me terem no exterior.
Vivem os vermes em campa dourada.
Se fosses tão sábio quanto ousado, [70]
Jovem nos membros, velho no juízo
A resposta não teria este teor:
Boa viagem: frio é o teu amor.

Frio, na verdade, e tantos trabalhos perdidos.
Então adeus, calor! sê benvindo, gelo! [75]
Adeus, Pórcia. Tenho o coração demasiado ferido
Para demorar a despedida: assim partem os perdedores.
[Sai com acompanhantes. Floreado de clarins]

PÓRCIA

Uma grande partida. Fechem as cortinas. Ide-vos.
Que todos os da sua cor me escolham assim.
[Saem]

Acto 2, Cena 8

Veneza. Uma rua.
[Entram Salarino e Salânio]

SALARINO

Olha, homem, vi Bassânio no navio,
Com ele estava também Graciano
E tenho a certeza que o Lourenço não foi.

SALÂNIO

Com a gritaria, o velhaco do Judeu acordou o Duque
Que foi com ele à procura do navio de Bassânio. [5]

SALARINO

Chegou tarde de mais, o navio já tinha partido.
Mas aí deram a entender ao Duque
Que, numa gôndola, tinham visto juntos
Lourenço e a sua amorosa Jessica.
Além disso, António garantiu ao Duque [10]
Que não iam no seu barco com Bassânio.

SALÂNIO

Nunca ouvi lamentação tão confusa,
Tão estranha, ofensiva, e tão incoerente,
Como os gritos do cão do Judeu pelas ruas: [15]
«A minha filha! Ai os meus ducados! Ai a minha filha!
Fugiu com um cristão! Ai meus ducados cristãos!
Justiça! A lei! Os meus ducados e minha filha!
Um saco selado, dois sacos selados de ducados,
Ducados dobrados, a mim roubados pela minha filha!
E jóias, duas pedras, duas ricas e preciosas pedras, [20]
Roubadas pela minha filha! Justiça! Encontrem a rapariga!
Ela tem as pedras com ela, e os ducados.»

SALARINO

Ora, todos os rapazes de Veneza o seguem,
Gritando, as pedras, a filha e os ducados.

SALÂNIO

Que o bom António se cuide e cumpra o prazo [25]
Ou irá pagar por isto.

SALARINO

É verdade, bem lembrado.
Ainda ontem falava com um francês,
Que me contou que, nos mares estreitos que
Separaram os franceses dos ingleses, se afundou
Um navio da nossa terra ricamente ataviado. [30]
Pensei logo em António quando mo disse,
E desejei em silêncio que não fosse dele.

SALÂNIO

É melhor contares ao António o que ouviste,
Mas não o faças de repente, podes afligi-lo.

SALARINO

Não há homem mais nobre a pisar a terra. [35]
Vi Bassânio e António despedirem-se,
Bassânio disse-lhe que iria apressar o
Regresso, ele respondeu: «Não faças isso,
Não estragues o negócio por minha causa, Bassânio
Mas fica até o tempo amadurecer [40]
E quanto à fiança que o Judeu tem de mim,
Que não perturbe a tua disposição amorosa:
Sê alegre, e concentra os teus pensamentos

Em namorar e dar belas provas de amor
Como lá achares mais conveniente para ti.» [45]
E mesmo então, os olhos cheios de lágrimas,
Virou a cara, pousou-lhe a mão nas costas,
E com uma afeição de uma sensibilidade maravilhosa
Apertou a mão a Bassânio, e assim se separaram.

SALÂNIO

Acho que ele só gosta do mundo por causa dele. [50]
Vamos, peço-te. Tentaremos encontrá-lo
E aliviar-lhe o peso que o abraçou
Com um ou outro divertimento.

SALARINO

Assim faremos.

[Saem]

Acto 2, Cena 9

Belmonte. Uma sala em casa de Pórcia.

[Entra Nerissa com um criado]

NERISSA

Depressa, depressa, vá. Endireitem a cortina.
O Príncipe de Aragão já fez a sua jura,
E vem agora aí para fazer a sua eleição

Toque de clarins.

[Entram o Príncipe de Aragão, Pórcia, e comitivas]

PÓRCIA

Vede, nobre príncipe, ali estão as caixas.
Se escolheres aquela em que estou contida, [5]
Serão celebrados de imediato os ritos nupciais:
Mas se falhardes, sem mais palavras, senhor,
Tereis de partir daqui imediatamente.

ARAGÃO

Fui coagido por jura a respeitar três coisas:
Primeiro, nunca revelar a ninguém [10]
Qual a caixa que escolhi. Depois, se falhar
A caixa correcta, nunca na vida
Cortejar mulher e propor-lhe casamento. Por fim,
Se falhar na fortuna da minha escolha
Deixar-vos imediatamente e partir. [15]

PÓRCIA

Estas três condições devem jurar todos
Os que vierem arriscar pelo meu humilde ser.

ARAGÃO

E assim me comportarei. Fortuna, vamos
À esperança do meu coração! Ouro, prata e chumbo vil.
«Quem me escolher tem que dar e arriscar tudo o que tem». [20]
Tereis que parecer mais bela, antes que eu dê ou arrisque.
O que diz a caixa de ouro? Ah, deixai-me ver:
«Quem me escolher ganhará o que muitos homens desejam».
O que muitos homens desejam! «Muitos» pode significar [25]
A louca multidão que escolhe pelas aparências,
Nada aprendendo além do que os olhos cobiçosos ensinam;
Que não olha para o interior, mas como o gavião
Constrói sob qualquer tempo no exterior das muralhas,
Mesmo sob a força e caminho dos acidentes.
Não escolherei o que muitos homens desejam, [30]
Porque não alinharei com os espíritos comuns
Nem me porei ao nível das multidões bárbaras.
Assim, para ti me viro, casa do tesouro de prata.
Diz-me uma vez mais qual o título que ostentas:
«Quem me escolher receberá tanto quanto merece». [35]
E muito bem dito também. Quem pode andar por aí
A enganar a fortuna e ser honrado
Sem o selo do mérito? Que ninguém presuma
usar uma dignidade não merecida.
Oh, se as propriedades, graus e cargos [40]
Não derivassem da corrupção, e essa clara honra
Fosse comprada com a honra do portador!
Ah, quantos então se cobririam que estão nus!
Quantos a ser comandados que comandariam
Quantos camponeses seriam então elevados [45]
A partir da verdadeira semente da honra! E quanta honra
Apanhada do joio e ruína dos tempos
Seria envernizada de novo! Bom, vamos à escolha.
«Quem me escolher receberá tanto quanto merece».
Eu assumo merecer. Dêem-me a chave desta, [50]
E rápido se abram aqui as minhas fortunas.

[Abre a caixa de prata]

PÓRCIA

Uma pausa demasiado longa para o que aí encontraste.

ARAGÃO

O que temos aqui? O retrato de um idiota a piscar,
Apresentando-me um papel. Irei Lê-lo.
Quão diferente sois de Pórcia [55]
Quão diferente das minhas esperanças e méritos!
«Quem me escolher receberá tanto quanto merece».
Não mereço eu mais que a cara de um bobo?
É esse o meu prémio? Não é maior o meu valor?

PÓRCIA

Ofender e julgar são ofícios distintos [60]
E de natureza oposta.

ARAGÃO

O que há aqui?

[Lê]

O fogo sete vezes isto tentou
Sete vezes o julgamento tentou,
E nunca errado julgou. [65]

Alguns há que beijam as sombras
E ficam só com a sombra de uma bênção.
Há bobos vivos, sei-o bem
Prateados por fora, como este assim.

Qualquer a esposa que para a cama lewares, [70]
Na cabeça levas-me sempre a mim.
Por isso vai-te: é melhor desapareceres.

Ainda mais bobo eu parecerei
Quanto mais tempo por aqui me ficar
Com cabeça de bobo vim cortejar, [75]

Mas com duas delas agora partirei.
Minha querida, *adieu*, mantereis o meu juramento,
Pacientemente suportarei a minha ira

[Sai Aragão e comitiva]

PÓRCIA

Assim a vela chamoscou a traça.
Oh, que loucos premeditados! Quando escolhem [80]
Têm o bom senso de perder por serem muito espertos.

NERISSA

O antigo ditado não é heresia,
Enforcamento e casamento vão pelo destino.

PÓRCIA

Vamos, fecha a cortina, Nerissa.
[Entra um criado]

CRIADO

Onde está a minha Senhora?

PÓRCIA

Aqui. O que deseja o meu “senhor”? [85]

CRIADO

Senhora, parou agora ao vosso portão
Um jovem veneziano, um que vem à frente
Para anunciar a chegada do seu amo
De quem envia saudações efusivas,
É esperto, com comentários e bafo cortesões, [90]
E traz prendas de alto mérito. Nunca ainda vi

Um tão adequado embaixador do amor:
Nenhum dia de Abril nasceu ainda tão doce,
Para mostrar como o caro Verão andava perto
Como este precursor que vem adiante do seu amo. [95]

PÓRCIA

Não fales mais, peço-te: quase receio
Que digas agora que é da tua família
Já que gastaste metade do dia a gabá-lo.
Vem, vem, Nerissa, porque anseio ver
O veloz carteiro de Cupido que chega com tão bons modos. [100]

NERISSA

Que seja Bassânio, Senhor do Amor, se for a tua vontade!
[Saem]

Acto 3, Cena 1

Veneza. Uma rua.

[Entram Salânio e Salarino]

SALÂNIO

Então, que notícias no Rialto?

SALARINO

Ora, consta por lá, sem confirmação, que a António Naufragou um navio de rico lastro nos estreitos, Os Godwins, acho que se chama o sítio. Baixios Muito perigosos e fatais, onde jazem as carcaças [5]
De muitos navios de porte, dizem, se a relatora do meu boato for uma mulher de palavra honesta.

SALÂNIO

Gostaria bem que fosse tão mentirosa no boato como A comer gengibre¹⁴, ou fizesse os vizinhos acreditar Que chorava a morte do terceiro marido. Mas [10]
É verdade, sem mais desvios prolixos ou travessias Da direita auto-estrada da conversa, que o nobre António, o Honesto António – Oh tivesse eu um título suficientemente bom Para lhe fazer companhia ao nome!...

SALARINO

Vá, a parte final.

SALÂNIO

Ah, o que dizes? Bom, o final é que ele perdeu um navio. [15]

SALARINO

Bem desejava que fosse a última das suas perdas.

SALÂNIO

Digo «amen» já, antes que o diabo me corte A oração, porque aí vem ele disfarçado de Judeu. [Entra Shylock]

Então agora, Shylock, que novidades entre os mercadores?

SHYLOCK

Tu sabes, melhor que ninguém, ninguém tão bem como tu [20]
Sabe da fuga da minha filha.

SALARINO

Isso é certo. Eu, pela minha parte, conhecia o alfaiate Que lhe fez as asas com que ela voou

SALÂNIO

E Shylock, pela sua parte, sabia que ave já tinha penas [25]
E é da natureza delas abandonar o ninho.

SHYLOCK

Que seja maldita por isso.

SALÂNIO

Isso é garantido, se for o diabo a julgá-la.

SHYLOCK

A minha carne e sangue a rebelarem-se!

SALÂNIO

Cuidado com isso, velho devasso, rebeldias nessa idade?

SHYLOCK

Digo que a minha filha é a minha carne e o meu sangue. [30]

SALARINO

Há mais diferença entre a tua carne e a dela
Do que entre azeviche e marfim; mais entre os vossos sangues
Que entre tintol e vinho do Reno. Mas
Conta-nos, ouviste dizer se António sofreu alguma
perda no mar, ou não? [35]

SHYLOCK

Aí tenho outro mau negócio: um falido, um
esbanjador, que mal ousa mostrar a cara no
Rialto. Um pedinte, que costumava ir tão arrogante
À Bolsa. Ele que olhe bem para a fiança. Costumava
chamar-me usurário. Ele que olhe bem para a fiança. Quis [40]
Emprestar dinheiro por caridade cristã. Ele que
olhe bem para a fiança.

SALARINO

Ora, tenho a certeza que, se falhar, não lhe tomarás
A carne: para que te serviria?

SHYLOCK

Toda de isca para os peixes. Se não engordar mais nada, [45]
Alimenta a minha vingança. Ele desgraçou-me, e
Fez-me perder meio milhão, riu-se das minhas perdas,
Troçou dos meus ganhos, zombou da minha nação, destroçou
As minhas barganhas, arrefeceu-me os amigos, aqueceu-me
Inimigos. Qual o motivo? Porque sou Judeu. Será [50]
Que um Judeu não tem olhos? Um Judeu não tem mãos, órgãos
Dimensões, sentidos, afectos, paixões? Não é alimentado com
A mesma comida, ferido com as mesmas armas, sujeito
Às mesmas doenças, curado pelos mesmos meios, [55]
aquecido e arrefecido pelo Inverno e Verão, como
um cristão? Se nos picarem, não sangramos?
Se nos fazem cócegas, não rimos? Se nos envenenam
Não morremos? E se nos fizerem mal, não nos deveremos
Vingar? Se somos como vocês no resto, também
Somos parecidos nisso. Se um Judeu fizer mal a um Cristão, [60]

Qual é a sua humildade? A vingança. Se um cristão
Fizer mal a um Judeu, qual deveria ser a sua tolerância
De acordo com o exemplo cristão? Ora, a vingança. A vilania
Que me ensinam, eu a porei em prática, e irá ser difícil, mas
Aperfeiçoarei a instrução. [65]

[Entra um Criado]

CRIADO

Senhores, o meu amo António está em casa e
Deseja falar com ambos.

SALARINO

Temos andado para trás e para diante à procura dele.

[Entra Tubal]

SALÂNIO

Aqui vem outro da tribo. Não se encontra um terceiro igual
A não ser que o próprio diabo se transforme em Judeu. [70]

[Saem Salânio, Salarino, e o Criado]

SHYLOCK

Ora bem, Tubal, que notícias de Génova? Descobriste
A minha filha?

TUBAL

Em muitos sítios ouvi falar dela, mas não a consigo encontrar.

SHYLOCK

Ora bem, ora bem, ora bem! Um diamante desaparecido,
Custou-me dois mil ducados em Francoforte! A desgraça [75]

Nunca caiu sobre a nossa nação até agora, nunca a senti
Até agora: dois mil ducados nisso; e outras jóias

Preciosas, preciosas. Pudesse a minha filha
Estar aqui morta a meus pés, com as jóias nas orelhas!
Antes amortalhada a meus pés, com os ducados [80]

No caixão! Não há notícias deles? Ora, assim: e nem sei
Quanto se gastou na busca. Ora, perda sobre

Perda! A ladra partindo com tanto, e tanto para
Encontrar a ladra, e nenhuma satisfação, nenhuma vingança, [85]

Nem sorte a agitar-se além da que me pousa nos ombros;
Nem suspiros além da minha respiração, nem lágrimas

Senão as deitadas por mim.

TUBAL

Sim, outros também andam com azar: António, como
Ouvi em Génova...

SHYLOCK

O quê, o quê, o quê? Azar, azar?

TUBAL

Perdeu um cargueiro que vinha de Tripoli. [90]

SHYLOCK

Graças a Deus, graças a Deus. É verdade, é verdade?

TUBAL

Falei com alguns dos marinheiros que escaparam ao naufrágio.

SHYLOCK

Agradeço-te, bom Tubal. Boas notícias, que boas notícias!

Ah, ah! Onde? Em Génova?

TUBAL

E segundo ouvi, numa noite, em Génova, a tua filha
gastou oitenta ducados.

[95]

SHYLOCK

Estás a espetar-me uma faca: nunca mais voltarei a ver o
Meu ouro outra vez: oitenta ducados numa noite!

TUBAL

Vários dos credores de António vieram comigo até Veneza,
E juram que só pode aceitar a falência.

SHYLOCK

Fico muito contente por isso. Vou persegui-lo, torturá-lo.
Fico contente por isso.

[100]

TUBAL

Um deles mostrou-me um anel que recebeu da tua filha
Em troca de um macaco.

SHYLOCK

Maldita! Torturas-me, Tubal, era a minha
Turquesa! Recebi-a de Léa¹⁵ quando era solteiro:
Nunca a daria nem por uma selva de macacos.

[105]

TUBAL

O António é que está mesmo mal.

SHYLOCK

Sim, isso é verdade, muito verdade. Vai, Tubal, contrata-me
Um advogado, fala com ele quinze dias antes. Eu
Vou arrancar-lhe o coração, se não cumprir, porque
Com ele fora de Veneza, posso fazer os negócios que
Quiser. Vai, vai Tubal, e vai ter comigo à nossa sinagoga.
Vai, bom, Tubal. Na nossa sinagoga, Tubal.

[110]

[Saem]

Acto 3, Cena 2

Belmonte. Uma sala na casa de Pórcia.

[Entram Bassânio, Pórcia, Graciano, Nerissa, e comitiva]

PÓRCIA

Por favor, espera, descansa um dia ou dois
Antes de arriscares. Porque se escolheres errado,
Perco a tua companhia, por isso demora um pouco.
Algo me diz, mas não é o amor,
Que não te perderia e tu também o sabes, [5]
O ódio não dá conselhos desta qualidade.
Mas, receio que não me compreendas bem,..
E uma donzela não tem voz, mas pensamentos,..
Eu deter-te-ia aqui um mês ou dois
Antes que arriscasses escolher-me. Poderia ensinar-te [10]
Como escolher bem, mas aí seria perjura
E isso nunca o seria, por isso podes perder-me.
E se perderes, far-me-ás desejar um pecado,
Que eu tivesse sido perjura. Sandeus os teus olhos,
Que já me olharam de mais e me dividiram: [15]
Metade de mim é tua, a outra metade é tua,
Ou minha deveria dizer, mas se é minha, é tua,
E assim toda tua. Oh, estes tempos difíceis
Põem grades entre o proprietário e os seus bens!
E assim, embora tua, não sou tua. Prova-o, [20]
Faz com que a fortuna vá para o Inferno, e não eu.
Já falei de mais, mas é para empatar o tempo,
Para o esgotar e encurtá-lo no comprimento,
Para te fazer adiar a eleição.

BASSÂNIO

Deixa-me escolher
Porque estar assim é viver numa tortura. [25]

PÓRCIA

Numa tortura, Bassânio! Então confessa
Que traição existe misturada com o teu amor.

BASSÂNIO

Nenhuma mais que a feia traição da desconfiança,
Que me faz temer o gozo do meu amor:
Pode haver tanta amizade e vida [30]
Entre a neve e o fogo, como entre a traição e o meu amor.

PÓRCIA

Ah, mas receio que estejas a falar sob tortura
Onde os homens, se forçados, dizem qualquer coisa.

BASSÂNIO

Promete-me a vida, e confessarei a verdade.

PÓRCIA

Bom, então confessa e vive.

BASSÂNIO

«Confessa e ama» [35]

Seria a verdadeira soma da minha confissão.
Oh feliz tormento, quando o meu atormentador
Me pode ensinar as respostas para a libertação!
Mas abandona-me à minha fortuna e às caixas.

PÓRCIA

Vamos, então! Estou encerrada numa delas [40]
E se me amas, irás descobrir-me.

Nerissa e o resto, fiquem todos à distância.

Que toque a música enquanto se faz a escolha.

Se ele falhar, o fim será como o canto do cisne,

A desvanecer-se em música: para que a comparação [45]

Seja mais correcta, serão os meus olhos um regato

E um leito de morte de água para ele. Mas pode ganhar;

E que música então? Então a música será

Igual aos clarins quando os súbditos sinceros saúdam

Um monarca recém coroado. Assim, será [50]

Como aqueles doces sons ao raiar do dia

Que se insinuam adentro dos ouvidos sonhadores do noivo

E o convidam ao casamento. Agora ele escolhe,

Com não menos presença, mas com muito mais amor

Que o jovem Alcides¹⁶, quando conseguiu redimir [55]

O tributo de virgens pago por Tróia uivante

Ao monstro marinho: estou pronta para o sacrifício

Aqueles à distância são as mulheres dos Dardanelos,

Com caras sombrias, aproximam-se para ver

O resultado da aventura. Vai, Hércules! [60]

Vivas tu, e eu viverei. Com muito, muito mais horror

Vejo eu a luta do que tu que fazes a guerra.

[Música, enquanto Bassânio comenta as caixas para si próprio]

[Canção.]

Diz-me onde nasce a fantasia,

No coração, ou na cabeça?

Como foi gerada, alimentada? [65]

Responde, responde.

É nos olhos engendrada,

com o olhar alimentada;

e vai morrer a fantasia

No berço onde é deitada. [70]

E cantemos todos

O canto da fantasia

Começarei eu,

Dlim, dlão, dlim, dlão

[Todos]

Dlim, dlão, dlim, dlão [75]

BASSÂNIO

O aspecto exterior pode ser o menos importante:
O mundo ainda é enganado com ornamentos.
Na lei, qual a causa ruim e corrupta,
Em que o tempero de uma voz graciosa,
Não obscureça a prova do mal? Na religião [80]
Qual o erro danado que algum sobrolho sóbrio
Não abençoe e aprove com uma citação
Escondendo a rudeza com belos ornatos?
Não há vício mais simples que não assuma [85]
Alguma marca de virtude na sua forma exterior.
Quantos cobardes, de coração tão falso
Como escadas de areia, não usam nos queixos
As barbas de Hércules e do feroz Marte?
Se, vistos por dentro, tem o fígado de leite,
E apenas assumem o excremento do valor [90]
Para se mostrarem destemidos! Olhem a beleza,
E vereis que é comprada ao quilo,
E que por tanto se opera um milagre da natureza,
Tornando mais leves as que mais dela usam:
Assim são os caracóis serpentinos e dourados [85]
A saltitar lascivos com o vento
Sobre uma beleza falsa, muitas vezes apenas
O dote de uma caveira, a cabeça
Que os fez crescer já na sepultura.
Assim o ornamento é apenas a margem dourada [100]
De um mar muito perigoso, a bela écharpe
A cobrir uma vulgar beleza indiana; numa palavra,
A aparência da verdade que tempos manhosos usam
Para enganar os mais sábios. Assim, ouro pomposo, [105]
Duro alimento de Midas, não quero nada contigo;
Nem contigo, pálida e comum serva que andas
De homem para homem. Mas a ti, mísero chumbo,
Que ameaças mais do que prometes alguma coisa,
A tua vilania comove-me além da eloquência.
E aqui escolho eu, seja a alegria a consequência. [110]

PÓRCIA

[Aparte] Oh, como todas as outras paixões se dissolvem no ar,
Pensamentos duvidosos, desespero precipitado,
O medo que faz tremer, o ciúme de olhos verdes! Oh, amor
Sê moderado, reprime o teu êxtase,
Põe rédeas à tua alegria, afasta este excesso. [115]
Sinto tanto a tua bênção! Torna-a menor
Porque receio desmaiar.

BASSÂNIO

O que encontro eu aqui?
[Abrindo a caixa de chumbo]
Da bela Pórcia o retrato! Que semideus

Chegou tão perto da criação? Movem-se estes olhos? [120]

Ou se, a cavalo na íris dos meus,

Parecem mover-se? Aqui estão os lábios apartados,

Separados por hálito de açúcar: tão suave barreira

A dividir tão doces amigos. Aqui nos cabelos dela

O pintor imita a aranha e tece

[125]

Uma rede de ouro para caçar os corações dos homens,

Mais rápido que moscas nas teias. Mas os olhos dela...

Como é que pode ver para os pintar? Feito um

Acho que teria o poder de lhe roubar os dele

E deixá-lo mutilado. Porém vejam quanto

[130]

A substância do meu louvor não faz justiça a esta sombra

Ao subvalorizá-la, e quanto esta sombra

Acaba por coxear atrás da substância. Eis aqui o papel

O contentor e resumo da minha fortuna.

[Lê]

Tu que pelas aparências não escolhes,

[135]

escolheste tão bem e tão bem soubeste ousar!

Dado que esta fortuna te cabe e a colhes,

Fica satisfeito e outra nova não vás procurar,

Se com esta agradado ficares

E como a tua bênção a considerares

[140]

Vira-te para onde está a tua dama

E com um beijo de amor reclama-a.

Um papel gentil. Bela senhora, permiti.

Venho com ordens de dar e receber

Como um de dois lutando por um prémio,

[145]

Que sente que agiu bem aos olhos do público,

Mas ouve os aplausos e aclamação geral,

Ainda tonto no espírito, o olhar desfocado pela dúvida

Quanto às pérolas de louvor serem suas ou não.

Três vezes bela senhora, assim estou eu, mais ainda,

[150]

Muito duvidoso de que o que vejo seja verdade

Se não for confirmado, assinado, por vós ratificado.

PÓRCIA

Vês-me, senhor Bassânio, onde estou

Tal como sou. Embora por mim só

Não seja ambiciosa nos meus desejos,

[155]

Desejava-me ser muito melhor. E para ti

Ter-me-ia triplicado vinte vezes a mim própria.

Mil vezes mais bela, mil vezes mais rica

E só para estar à altura na tua conta,

Possa eu em virtude, beleza, vidas, amigos

[160]

Exceder a conta. Mas a soma total de mim

É a soma de algo que se define por grosso:

Uma rapariga sem estudos, escola, experiência

Feliz nisto, por não ser ainda tão velha

Que não possa aprender; mais feliz nisto,

[165]

Que não cresceu tão idiota que não possa aprender;

O mais feliz de tudo é que o seu espírito gentil

Se entrega ao teu para ser guiado,
Como senhor, governador, rei dele.
Eu, e o que é meu, em ti e em teu [170]
Foi agora convertido. Até aqui era eu o dono
Desta bela casa, senhor destes criados,
E rainha de mim própria. Até há pouco, mas agora
Esta casa, estes servos, e este meu ser
São teus, meu senhor: dou-tos com este anel, [175]
Do qual se te separares, perderes, ou cederes
Que pressagie a ruína do nosso amor
E que seja minha a vantagem de te censurar.

BASSÂNIO

Senhora, roubaste-me todas as palavras,
Só o meu sangue te fala nas minhas veias; [180]
E há tanta confusão nos meus sentidos
Quanto depois de um belo discurso feito
Por um príncipe amado. Ali deve aparecer,
Por entre o zumbir da multidão contente
Onde todas as pequenas coisas, misturadas junto, [185]
Se transformam num deserto de nada mais que alegria
Expressa e não expressa. E quando este anel
Se separar do meu dedo, então a vida se separou dele:
Oh, então ousai dizer que Bassânio morreu.

NERISSA

Meu senhor e minha senhora, é agora a nossa vez [190]
Que acompanhámos e vimos os nossos desejos realizarem-se,
De gritar: Muita alegria, muita alegria, senhor e senhora.

GRACIANO

Meu amigo Bassânio e minha gentil senhora,
Desejo-vos toda a alegria que posso desejar;
Porque tenho a certeza que não desejais nada de mim. [195]
E quando vossas graças entenderem solenizar
A negociata da vossa fé, peço-vos
Que nessa mesma altura possa eu casar também.

BASSÂNIO

De todo o meu coração, podes arranjar mulher.

GRACIANO

Agradeço a vossa excelência, já me arranjaste uma. [200]
Os meus olhos, amigo, vêem tão bem quanto os teus:
Tu viste a senhora, eu reparei na criada;
Tu amaste, e eu amei, porque demoras
Nada têm a ver comigo, nem contigo.
A tua fortuna estava dentro daquela caixa, [205]
E, dadas as circunstâncias, a minha também.
Porque namorei aqui até ficar a suar outra vez
E a suar até que o céu-da-boca me secasse
Com juras de amor. Enfim, se as promessas duram,

Consegui uma promessa aqui desta bela [210]
De que teria o amor dela caso a tua fortuna
Conquistasse a senhora.

PÓRCIA

Isto é verdade, Nerissa?

NERISSA

Senhora, assim é, desde que vos agrade.

BASSÂNIO

E tu, Graciano, estás de boa fé?

GRACIANO

Fé, sim senhor. [215]

BASSÂNIO

A nossa festa ficará muito honrada com o vosso casamento.

GRACIANO

Apostaremos com eles mil ducados pelo primeiro rapaz.

NERISSA

Ora, a lançar o pau?

GRACIANO

Não: nunca ganharemos um jogo desses com o pau no chão.
Mas quem vem aí? Lourenço e a sua infiel? [220]
O quê, e Salânio, o meu velho amigo veneziano?
[Entram Lourenço, Jessica, Salânio, e um mensageiro de Veneza]

BASSÂNIO

Lourenço e Salânio, sede bem-vindos,
Se o verdor do meu novo interesse aqui
Tiver poder de vos dar as boas vindas. Permite
Que saúde os meus bons amigos e conterrâneos, [225]
Doce Pórcia, sede bem-vindos.

PÓRCIA

Também os saúdo,
São verdadeiramente bem-vindos.

LOURENÇO

Agradeço-vos a honra. Pela minha parte,
O meu objectivo não era visitar-vos aqui;
Mas tendo encontrado Salânio no caminho, [230]
Ele convenceu-me, para além de qualquer recusa,
A vir junto com ele.

SALÂNIO

Assim fiz.
E tenho motivos para isso. O *Signior* António

Envia-vos cumprimentos.

[Dá uma carta a Bassânio]

BASSÂNIO

Enquanto abro esta carta,

Peço-vos, dizei-me como vai o meu bom amigo. [235]

SALÂNIO

Não está doente, a não ser de espírito

Nem bem, a não ser de espírito: essa carta aí

Mostrar-vos-á o estado dele.

GRACIANO

Nerissa, saúda a estrangeira, dá-lhe as boas-vindas.

A tua mão, Salério: que notícias de Veneza? [240]

Como vai esse mercador real, o bom António?

Sei que ficará contente com o nosso êxito;

Somos os Jasões, conquistámos o velo de ouro.

SALÂNIO

Diria que ganhaste o velo que ele perdeu.

PÓRCIA

Há algumas informações no vosso papel, [245]

Que roubam a cor à cara de Bassânio:

Algum amigo querido que morreu, nada mais no mundo

Poderia transformar tanto o parecer

De um homem tão constante. O quê? Ainda pior!

Com licença, Bassânio: sou metade de ti, [250]

E devo livremente ter a metade de algo

Que este mesmo papel te traz.

BASSÂNIO

Ó doce Pórcia,

Há aqui palavras das mais desagradáveis

Que alguma vez riscaram o papel! Gentil senhora,

Quando pela primeira vez te declarei o meu amor [255]

Disse-te livremente que toda a minha riqueza

Me corria nas veias, sou nobre,

E falei-te a verdade. Porém, gentil senhora,

Fazendo-me valer por nada, podes ver

Quanto fui fanfarrão. Quando disse [260]

Que o meu estado era nada, deveria ter dito

Que valia menos que nada porque, de facto,

Comprometi-me com um bom amigo,

E comprometi-o com o seu único inimigo,

Para alimentar os meus meios. Eis aqui a carta: [265]

O papel é o corpo do meu amigo,

E cada palavra abre nele uma ferida,

Que escorre sangue vivo. É verdade, Salério?

Falharam-lhe todos os negócios? Nem um sobreviveu?

De Tripoli, do México e de Inglaterra, [270]

De Lisboa, da Barbárie e da Índia?
Nem um navio escapou ao toque terrível
Das rochas que destroem os mercadores?

SALÂNIO

Nem um.

Além disso, parece que se tivesse
Actualmente o dinheiro para se libertar do Judeu, [275]

Este não o queria. Nem nunca conheci
Criatura a usar a forma do homem
Tão ávida e gananciosa que perturba um homem:
Ele assedia o Duque de manhã à noite,
E ameaça a liberdade do Estado [280]

Se lhe negarem justiça. Vinte mercadores,
O próprio Duque e os Magníficos
De porte grandioso, todos tentaram persuadi-lo,
Mas ninguém o consegue demover do pleito invejoso
Da falência, da justiça, e da fiança. [285]

JESSICA

Quando estava com ele ouvi-o jurar
A Tubal e a Chus, seus conterrâneos,
Que antes preferiria ter a carne de António
Que vinte vezes o valor da soma
Que este lhe devia. E sei, meu senhor, [290]
Se a lei, a autoridade e o poder não lho negarem,
As coisas correrão mal ao pobre António.

PÓRCIA

É o teu querido amigo que está assim com tantos problemas?

BASSÂNIO

O meu mais querido amigo, o homem mais bondoso,
O espírito melhor formado e mais incansável [295]
Em fazer mercês. Alguém em quem
A antiga honra romana mais se mostra
Do que em qualquer outro que respire em Itália.

PÓRCIA

E que soma deve ele ao Judeu?

BASSÂNIO

Por minha causa, três mil ducados.

PÓRCIA

O quê, só isso? [300]

Paguem-lhe seis mil, e desfaçam o contrato.
Dobrem os seis mil, e depois tripliquem isso,
Antes que um amigo de tal qualidade
Possa perder um cabelo por culpa de Bassânio.
Primeiro, vem comigo à igreja e chama-me esposa, [305]
E depois parte para Veneza, vai ver o teu amigo,

Porque nunca te deites tu ao lado de Pórcia
Com a alma inquieta. Tu terás ouro
Para pagar mais de vinte vezes a mísera dívida:
Quando estiver paga, traz-me o teu amigo verdadeiro. [310]
Nerissa e eu, entretanto

Viveremos como donzelas e viúvas. Ala, vamos!
Porque precisas de partir no dia do teu casamento:
Acolhe os teus amigos, mostra uma cara alegre,
E já que te comprei tão caro, amar-te-ei caramente. [315]
Mas deixa-me ver a carta do teu amigo.

BASSÂNIO

[*Lê*]

Caro Bassânio, todos os meus navios se
Extraviaram, os meus credores tornam-se cruéis, os meus bens
perdidos, a minha fiança ao Judeu não foi resgatada;
e uma vez que se a pagar me será impossível continuar a viver, [320]
Todas as dívidas entre ti e mim estão saldadas, e se ao menos
Te pudesse ver na hora da minha morte. Apesar disso, segue
O teu prazer: se a tua amada não te persuadir a vires,
Que a minha carta o não faça.

PÓRCIA

Ó amor, despacha todos os negócios e parte! [325]

BASSÂNIO

Dado que me dás autorização para partir,
Apressar-me-ei: mas, até que eu regresse
Nenhuma cama será culpada de eu nela repousar,
Nenhum descanso se interporá entre nós dois.

[*Saem*]

Acto 3, Cena 3

Veneza. Uma rua.

[*Entram Shylock, Salarino, António e o carcereiro*]

SHYLOCK

Carcereiro, olha para ele: não me fales de misericórdia.
Este é o louco que emprestava dinheiro grátis:
Carcereiro, olha para ele.

ANTÓNIO

Ouve-me mais uma vez, bom Shylock.

SHYLOCK

Eu tenho a minha fiança. Não fales contra a fiança.
Jurei uma jura de que terei a minha fiança. [5]
Chamaste-me cão sem teres motivos
Mas, já que sou um cão, cuidado com as minhas presas.
O Duque terá que me conceder justiça. Pergunto-me

Se tu, mau carcereiro, serás tão amável
Que o faças sair da prisão a seu pedido. [10]

ANTÓNIO

Peço-te, ouve-me falar.

SHYLOCK

Eu terei a minha fiança. Não te quero ouvir falar.
Eu terei a minha fiança, e por isso não fales mais.
Não farás de mim um bobo compassivo de olhos mortos.
A abanar a cabeça, a desistir, a suspirar, e ceder [15]
A intercessores cristãos. Não insistas.
Não quero conversas, terei a minha fiança.
[Sai]

SALARINO

É o mais insensível animal
Que alguma vez andou entre os homens.

ANTÓNIO

Deixa-o em paz:
Não o seguirei mais com pedidos inúteis. [20]
Ele quer a minha vida. Os motivos conheço-lhos bem:
Muitas vezes livreí das suas livranças
Muitos do que às vezes a mim se lamentavam,
É por isso que me odeia.

SALARINO

Tenho a certeza de que o Duque
Nunca permitirá que esta fiança seja paga. [25]

ANTÓNIO

O duque não pode impedir o curso da lei:
Por causa dos privilégios que os estrangeiros têm
Connosco em Veneza. Porque se a negar
Em muito prejudicará a justiça neste Estado,
Visto que o negócio e lucro da cidade [30]
Compreende o de todas as nações. Por isso, vai:
Estas lamentações e perdas cansaram-me tanto,
Que muito dificilmente poderei dispensar meio quilo de carne
Amanhã, ao meu sanguinário credor.
Carcereiro, vamos. Queira Deus que Bassânio volte [35]
Para me ver pagar-lhe a dívida, e assim não me importarei.

[Saem]

Acto 3, Cena 4

Belmonte. Uma sala na casa de Pórcia.

[Entram Pórcia, Nerissa, Lourenço, Jessica e Baltazar]

LOURENÇO

Minha senhora, embora fale na vossa presença,
Vós tendes um conceito nobre e verdadeiro
Da amizade divina; que aparece mais fortemente
Ao suportares assim a ausência do senhor.
Mas se soubésseis a quem mostrais essa honra, [5]
A que verdadeiro cavaleiro enviais alívio,
Quão querido um amante do meu senhor vosso marido,
Sei que ficaríeis mais orgulhosa da obra
Que a gratidão costumeira vos pode proporcionar.

PÓRCIA

Nunca me arrependi de fazer o bem, [10]
Nem o farei agora: porque em companheiros
Que conversam e passam o tempo juntos
Cujas almas suportam um igual laço de amor.
Tem que haver uma proporção igual
De comportamentos, maneiras e espírito. [15]
O que me faz pensar que este António,
Sendo o amigo do coração do meu senhor,
Tem que ser como o meu senhor. E se assim for
Quão pequeno é o preço que pagarei
Para resgatar a semelhança da minha alma [20]
Arrancá-la do estado de miséria infernal!
Aproximo-me demasiado do auto-elogio,
Portanto, deixemo-nos disso, falemos de outras coisas.
Lourenço, em vossas mãos entrego
A gestão e governo da minha casa [25]
Até ao regresso do meu senhor. Quanto a mim,
Em direcção ao céu sobrei um voto secreto
De viver em oração e contemplação,
Apenas servida aqui por Nerissa,
Até ao regresso do marido dela e do meu: [30]
Há um mosteiro a um quilómetro daqui
E aí residiremos. Desejo que
Não nos recuseis este encargo
O qual, por meu amor e alguma necessidade,
Agora pousa sobre vós. [35]

LOURENÇO

Minha senhora, de todo o coração
Vos obedecerei em todas as ordens justas.

PÓRCIA

A minha gente já conhece a minha vontade,
E aceitar-vos-á a vós e Jessica
Em lugar do Senhor Bassânio e de mim própria. [40]
Então adeus, até que nos encontremos de novo.

LOURENÇO

Que belos pensamentos e horas felizes vos acompanhem!

JESSICA

Desejo-vos a maior felicidade para o vosso coração.

PÓRCIA

Agradeço-vos os vossos votos, e fico contente

Por retribuir: boa estadia para ti Jessica. [45]

[Saem Jessica e Lourenço]

Agora, Baltazar

Como sempre te achei honesto e fiel,

Assim o continues. Leva esta mesma carta

E usa todos os truques de um homem

Apressado e corre até Pádua. Entrega isto

Na mão do meu primo, o Doutor Belário. [50]

E, olha, os papéis e roupas que ele te der

Leva-os, peço-te, com velocidade imaginada

Até ao barco de passageiros, o barco comum

Que faz carreira para Veneza. Não percas tempo com palavras.

Mas vai-te. Estarei lá antes de ti. [55]

BALTAZAR

Minha senhora, parto com a maior velocidade possível.

[Sai]

PÓRCIA

Vamos, Nerissa. Tenho trabalho em mãos

Do qual ainda nada sabes: veremos os nossos maridos

Antes que pensem em nós.

NERISSA

E eles ver-nos-ão?

PÓRCIA

Sim, Nerissa, mas em tais roupagens [60]

Que pensarão que somos providas

Com o que nos falta. Aposto contigo o que quiseres:

Quando ambas estivermos vestidas como rapazes,

Eu serei o mais bonito dos dois,

E usarei a minha adaga com a graça mais corajosa, [65]

E falarei como quem muda de voz, entre homem e rapaz

Com uma voz de falsete, e virarei dois passos pequenos

Num largo passo de homem, e falarei de lutas

Como um jovem gabarola, e direi mentiras fantásticas,

Como honradas senhoras buscaram o meu amor, [70]

Que recusei, pelo que adoeceram e morreram.

Não poderia tratar de todas. Depois me arrependerei,

E desejarei por tudo que as não tivesse morto.

E vinte destas mentiras engraçadas direi,

Que os homens jurarão que interrompi a escola [75]
Há menos de um ano. Tenho em mente
Um centena de truques destes tipos gabarolas,
Que porei em prática.

NERISSA

Porque é que nos vamos transformar em homens?

PÓRCIA

Ora, que pergunta essa, [80]
Se feita junto de um intérprete sagaz!
Mas vem, contar-te-ei todo o meu estratagema
Quando estivermos no meu carro, que espera por nós
No portão do parque. Portanto despacha-te,
Porque temos que fazer uns dez quilómetros hoje.
[Saem]

Acto 3, Cena 5

As mesmas. Um jardim.

[Entram Lancelote e Jessica]

LANCELOTE

Sim, na verdade. Porque, olhai-vos: os pecados do pai
São para ser lançados sobre os filhos. Portanto,
Garanto-vos que temo por vós. Fui sempre franco convosco,
Por isso vos falo da minha inquietação com o assunto:
Alegrai-vos, porque na verdade penso [5]
Que estais condenada. Só há aqui uma esperança
Que vos poderia salvar, mas não passa de uma esperança
um tanto bastarda.

JESSICA

E que esperança é essa, pergunto?

LANCELOTE

Que pudésseis esperar que vosso pai não vos tivesse gerado, [10]
Que não fosseis a filha do Judeu.

JESSICA

Seria uma esperança um tanto bastarda, na verdade:
Assim cairiam sobre mim os pecados da minha mãe.

LANCELOTE

Então receio bem que estejais condenada pelo vosso pai
E pela vossa mãe: afasto Cila, o pai, e [15]
Caio em Caribdis, a mãe. Bom, estais
Perdida pelos dois lados.

JESSICA

Serei salva pelo meu marido: ele fez de mim uma cristã.

LANCELOTE

Na verdade, esse será mais culpado ainda. Nós os cristãos já éramos muitos, tantos quanto podíamos viver uns Com os outros. Fazer cristãos vai fazer subir o [20]
Preço do porco. Se nos tornarmos todos comedores de porcos, em breve Nem uma fatia de toucinho poderemos comprar para pôr nas brasas.

[Entra Lourenço]

JESSICA

Direi ao meu marido o que me contas: aí vem ele.

LOURENÇO

Não tarda ficarei com ciúmes de ti, Lancelote, se continuas assim a falar com a minha mulher pelos cantos. [25]

JESSICA

Ná, não precisas de nos temer, Lourenço. Lancelote e eu Discutimos. Ele diz-me abertamente que não há misericórdia Para mim no céu, porque sou filha de um Judeu. E Informa que não és um bom membro da comunidade, porque ao converteres os Judeus a cristãos, aumentas o preço do porco. [30]

LOURENÇO

Justificarei melhor isso perante a comunidade do que Podes tu justificar a grande barriga da moura: a Negra está grávida de ti, Lancelote.

LANCELOTE

Era bom que a barriga da moura estivesse ainda maior: Porque se for menor do que a de uma mulher honesta, ela é De facto mais do que aquilo por que a tomei. [35]

LOURENÇO

Como qualquer tolo pode jogar com as palavras! Penso Que a melhor graça da inteligência em breve será o silêncio, E o melhor discurso recomendável apenas aos papagaios. Entre, “senhor”, mande que se preparem para jantar. [40]

LANCELOTE

Estão preparados, senhor, todos eles têm estômago.

LOURENÇO

Meu Deus, que piada de mau gosto! Então manda que ponham a mesa.

LANCELOTE

Posta está ela, não está é coberta.

LOURENÇO

Quererás então mandá-la «cobrir», “senhor”? [45]

LANCELOTE

Cobri-la? Nem pense nisso, senhor, conheço o meu dever.

LOURENÇO

Ainda mais zaragateiro a cada oportunidade! Queres mostrar
Toda a riqueza da tua inteligência num segundo? Peço-te
Compreende um homem simples e um sentido simples:
Vai ter com os teus colegas, diz-lhes que cubram a mesa, sirvam [50]
A carne, e nós entraremos para jantar.

LANCELOTE

Quanto à mesa, senhor, será servida; quanto
à carne, senhor, estará coberta; quanto à vossa ida
para o jantar, senhor, que seja como as disposições
e ideias a governam. [55]

[Sai]

LOURENÇO

Ó abençoada discrição, como as palavras dele são adequadas!
O louco plantou na memória
Um exército de piadas; e conheço
Muitos loucos, em melhores lugares,
Armados de ornamentos como ele, que por um trocadilho [60]
Fogem ao assunto. Como vais tu, Jessica?
E agora, doce querida, dá-me a tua opinião
O que achas da mulher do senhor Bassânio?

JESSICA

Acima de qualquer comentário. É muito bom
Que o senhor Bassânio viva uma vida séria [65]
Porque, tendo uma tal bênção na mulher
Encontra as alegrias do céu aqui na terra.
E se na terra ele as não quiser, então
Na verdade nunca deveria ir para o céu
Porque, se dois deuses jogassem um jogo celestial [70]
E na arena pusessem duas mulheres terrenas,
Se Pórcia fosse uma delas, era necessário acrescentar
Contrapeso à outra, porque o pobre e rude mundo
Não tem duas iguais a ela.

LOURENÇO

E um marido igual
Tens tu em mim, igual ao que ela é como esposa. [75]

JESSICA

Ah, pergunta-me também a opinião sobre isso.

LOURENÇO

Daqui a pouco pergunto: primeiro vamos jantar.

JESSICA

Vá, deixa-me louvar-te enquanto tenho apetite.

LOURENÇO

Não, por favor, que sirva para conversa à mesa.
Depois, o que quer que digas, entre outras coisas,
Poderei digeri-lo.

[80]

JESSICA

Bom, serás servido.

[Saem]

Acto 4, Cena 1

Veneza. Um tribunal.

[Entram o Duque, os Magníficos, António, Bassânio, Graciano, Salério e outros]

DUQUE

Está aqui António?

ANTÓNIO

Pronto, assim agrade a vossa senhoria.

DUQUE

Lamento por ti. Vieste para responder
A um adversário de pedra, um malvado desumano
Incapaz de piedade, vazio e esvaziado [5]
De qualquer grama de misericórdia.

ANTÓNIO

Ouvi dizer
Que vossa senhoria se deu a grandes trabalhos para lhe moderar
O curso rigoroso, mas dado que continua obstinado
E que nenhuns meios legais me podem levar [10]
Longe do alcance de tanta inveja, oponho
A minha paciência à fúria dele, e venho armado
Para sofrer, com calma de espírito,
A verdadeira tirania e raiva do espírito dele.

DUQUE

Continuemos, e chamem o Judeu ao tribunal.

SALÉRIO

Ele está pronto, ali à porta. Ele entra, meu senhor. [15]
[Entra Shylock]

DUQUE

Abram alas, e deixem-no de pé diante de nós.
Shylock, o mundo pensa, e eu também penso assim,
Que só te comportas desta maneira por malícia
Até ao último momento do Acto. Acha-se que então [20]
Irás mostrar misericórdia e remorso, mais estranhos
Do que a tua estranha e aparente crueldade.
E dado que agora pedes a execução da penalidade,
Que é meio-quilo de carne deste pobre mercador,
Não apenas renunciarás ao pagamento da fiança [25]
Mas, tocado de delicadeza e amor humanos,
Perdoarás a metade do capital,
Lançando um olhar de piedade sobre as perdas
Que ultimamente tanto lhe pesam sobre os ombros.
O suficiente para destruir um mercador real
E arrancar comiseração pelo seu estado [30]
A peitos de bronze e corações rudes de pederneira,

Dos teimosos turcos e tártaros, nunca treinados
Em ofícios de terna cortesia.
Todos esperamos uma resposta gentil, Judeu.

SHYLOCK

Já dei a vossa senhoria conhecimento dos meus propósitos. [35]
E pelo nosso sagrado sábado jurei
Ter o devido, e executar a fiança:
Se mo negardes, que o perigo pouse
Sobre o vosso título e a liberdade da vossa cidade.
Perguntais-me porque prefiro [40]
Um peso de carne podre em vez de receber
Três mil ducados? Não responderei a isso,
Mas, digamos, que me apetece. Está respondido?
E se a minha casa fosse perturbada por um rato
E me agradasse dar dez mil ducados [45]
Para que fosse banido? Então, já está respondido?
Há homens que não gostam do grunhir de um porco;
Alguns ficam loucos quando vêem um gato;
E outros, quando a gaita-de-foles canta nasalada,
Não conseguem reter as urinas: porque os afectos, [50]
Senhores das paixões, os empurra para o ânimo
Do que se gosta ou detesta. Agora, a vossa resposta:
Visto que não há um motivo firme para explicar
Porque não se suporta um porco a grunhir,
Ou ver um inofensivo e necessário gato, [55]
Ou ouvir uma gaita-de-foles de lâ, e que à força
Se deva ceder a tão inevitável vergonha
Como a de ofender, tendo ele próprio sido ofendido.
Por isso não posso dar um motivo. Nem darei,
Mais do que o ódio incrustado e um certo desprezo [60]
Que sinto por António, pelo que mando seguir assim
Um processo de perdas e danos contra ele. Estais respondido?

BASSÂNIO

Isso não é resposta, Ó homem sem sentimentos,
Para desculpar o curso da tua crueldade.

SHYLOCK

Não tenho contrato para agradar com as minhas respostas. [65]

BASSÂNIO

Será que todos os homens matam o que não amam?

SHYLOCK

Algum homem odeia o que não quer matar?

BASSÂNIO

A princípio, nem toda a ofensa é um ódio.

SHYLOCK

Ora, deixaríeis que uma serpente vos mordesse duas vezes?

ANTÓNIO

Peço-vos, não ignoreis que argumentais com o Judeu: [70]
É o mesmo que ir até à praia
E pedir à maré enchente que não suba mais;
É o mesmo que discutir com o lobo
Para não fazer a ovelha chorar por causa do cordeiro;
Ou proibir aos pinheiros da montanha [75]
De fazerem barulho ao agitar as suas altas copas,
Quando fustigados pelas rajadas do céu;
Podeis bem fazer qualquer coisa menos difícil,
Do que tentar adoçar – e que mais duro existe? –
O seu coração Judeu. Portanto, imploro-vos, [80]
Não façais mais ofertas, não useis mais meios,
Mas com toda a breve e clara conveniência
Deixai-me ser julgado, e que o Judeu cumpra a sua vontade.

BASSÂNIO

Pelos três mil ducados aqui tens seis.

SHYLOCK

Mesmo que cada um desses seis mil ducados [85]
Fosse dividido em seis partes e cada parte um ducado
Não lhes tocaria. Eu quero a minha fiança.

DUQUE

Como podes esperar misericórdia, não tendo nenhuma?

SHYLOCK

Que julgamento temerei não tendo feito mal?
Tendes entre vós muitos escravos comprados [90]
Os quais, como os vossos burros e cães e mulas,
Usais em tarefas abjectas e servis,
Porque os compraste. Deverei dizer-vos:
«Dêem-lhes a liberdade, casai-os com as vossas herdeiras?
Porque os obrigais a suar sob o peso dos fardos? Porque é que [95]
As camas deles não são tão macias como as vossas, e os palatos
Temperados com melhores viandas?» Respondereis:
«Os escravos são nossos». Por isso eu respondo-vos
O meio-quilo de carne, que exijo dele, [100]
É comprado a alto preço: é meu e quero-o.
Se mo negarem, pior para a vossa lei!
Não há força nos decretos de Veneza.
Estou a pedir julgamento. Respondei-me: tê-lo-ei?

DUQUE

Com o meu poder posso dispensar este tribunal,
A não ser que Belário, um sábio advogado [105]
A quem mandei chamar para decidir este caso
Chegue aqui hoje.

SALÉRIO

Meu senhor, está ali fora
Um mensageiro com carta do advogado
Acabado de chegar de Pádua.

DUQUE

Trazei-nos a carta, chamai o mensageiro. [110]

BASSÂNIO

Alegra-te, António! Vá, homem, coragem ainda!
O Judeu terá a minha carne, sangue, ossos e tudo
Antes que por minha causa percas uma gota de sangue.

ANTÓNIO

Sou a ovelha marcada do rebanho
Escolhida para a morte. O fruto mais fraco [115]
Cai mais cedo no chão. E assim seja comigo.
Não podes ser melhor empregue, Bassânio,
Do que a viver ainda e escreveres o meu epitáfio.
[Entra Nerissa vestida como ajudante de advogado]

DUQUE

Vindes de Pádua, da parte de Belário?

NERISSA

De ambos, meu senhor. Belário saúda vossa senhoria. [120]
[Apresenta uma carta]

BASSÂNIO

Porque tens que afiar a tua faca com tanta força?

SHYLOCK

Para cortar aqui a fiança daquela bancarrota.

GRACIANO

Não na sola, mas na tua alma, duro Judeu,
Amolas a tua faca afiada. Nenhum metal pode,
Não, nem o machado do carrasco, suportar metade do fio [125]
Da tua afiada inveja. Não há pedidos que te comovam?

SHYLOCK

Nenhum que tu tenhas inteligência suficiente para fazer.

GRACIANO

Oh, que sejas maldito cão execrável!
E pela tua vida seja a justiça acusada.
Quase me fazes duvidar da minha fé [130]
E estar de acordo com Pitágoras,
Que as almas dos animais se infundem
Nos troncos dos homens. O teu espírito canino
Governou um lobo, o qual foi enforcado por carnificina.
Do cadafalso, a sua alma de fel voou [135]

E, enquanto jazias no teu não santificado ventre,
Infundiu-se em ti: porque os teus desejos
São de lobo, sanguinários, esfaimados, vorazes.

SHYLOCK

Dado que não podes raspar a assinatura da minha fiança,
Não fizeste mais que ofender os teus pulmões a falar tão alto: [140]
Conserta a tua inteligência, bom jovem, ou irá cair
Em ruína sem cura. Estou aqui pela justiça.

DUQUE

Esta carta de Belário recomenda
Um jovem e sábio advogado ao nosso tribunal.
Onde está ele?

NERISSA

Ali mesmo, à espera, [145]
Para saber a vossa resposta, se o admitis.

DUQUE

De todo o coração. Alguns de vós
Ide e escoltai-o até este lugar.
Entretanto o tribunal ouvirá ler a carta de Belário. [149]

FUNCIONÁRIO

[Lê]

Vossa Graça saberá que, quando da recepção da vossa carta me encontrava muito doente. Mas no momento em que o vosso mensageiro chegou, tinha em amável visita comigo um jovem doutor de Roma: o nome dele é Baltazar. Dei-lhe conhecimento da causa em litígio entre o Judeu e António o mercador. Folheámos juntos muitos livros. Ele vai habilitado com a minha opinião a qual vai melhorada com a sua sabedoria pessoal cuja grandeza não consigo suficientemente recomendar. Assim o envio em meu lugar, dado a minha impossibilidade de corresponder às exigências de vossa Graça.

Peço-vos, não deixeis que a falta de anos seja impedimento para uma falta da vossa estimada reverência, porque nunca conheci um corpo tão jovem com uma cabeça tão velha. Deixo-o ao vosso acolhimento gracioso, cujo julgamento melhor tornará pública a recomendação que dele faço.

DUQUE

Ouviste o sábio Belário, o que ele escreveu: [162]
E aqui o aceito. O doutor chegou.

[*Entra Pórcia, vestida de advogado*]

Dai-me a vossa mão. Vindes da parte do velho Belário?

PÓRCIA

Sim, meu senhor.

DUQUE

Sede bem-vindo: ocupai o vosso lugar. [165]

Estais ao corrente do litígio
Que informa a questão agora presente ao tribunal?

PÓRCIA

Estou completamente informado do processo.
Quem é o mercador, e quem é o Judeu?

DUQUE

António e o velho Shylock, levantem-se ambos. [170]

PÓRCIA

É Shylock o vosso nome?

SHYLOCK

Shylock é o meu nome.

PÓRCIA

De natureza estranha é o processo que levantai,
Porém de tal regra que a lei veneziana
Não pode impugnar-vos se quiserdes prosseguir. [175]
Estais à mercê dele, não estais?

ANTÓNIO

Sim, assim ele o diz.

PÓRCIA

E confirmais a fiança?

ANTÓNIO

Confirmo.

PÓRCIA

Então deverá o Judeu ser misericordioso.

SHYLOCK

Sob que imposição o deverei ser? Explicai-me isso.

PÓRCIA

A qualidade da misericórdia não se impõe,
Cai como a suave chuva do céu [180]

Sobre a terra em baixo. É duplamente abençoada:

Abençoa quem a concede e quem a recebe;

É a mais poderosa entre os poderosos: fica melhor

Ao monarca do que a sua coroa;

O ceptro mostra a força do poder temporal, [185]

Um atributo da reverência e da majestade,

Onde deve residir o temor e medo aos reis:

A misericórdia está acima da instabilidade do ceptro,

Está entronizada nos corações dos reis,

É um atributo do próprio Deus. [190]

E o poder terreno mostra-se semelhante ao divino

Quando a misericórdia tempera a justiça. Portanto, Judeu,

Embora a justiça seja o teu pedido, considera
Que no curso da justiça nenhum de nós
Deveria ver a salvação. Rezamos por misericórdia, [195]
Essa mesma oração deve ensinar-nos a todos a
Retribuir os actos de misericórdia. Falei este tanto
Para mitigar a justiça do teu pleito
Pois, se prosseguires, o severo tribunal de Veneza
Ver-se-á obrigado a dar sentença contra o mercador. [200]

SHYLOCK

Que os meus actos me caiam sobre a cabeça. Anseio pela lei,
A pena, e o pagamento da minha fiança.

PÓRCIA

Não pode ele pagar em dinheiro?

BASSÂNIO

Sim, aqui lho ofereci eu diante do tribunal.
Sim, duas vezes a soma. Se tal não chegar, [205]
Comprometo-me a pagá-la dez vezes mais,
Em penhor das minhas mãos, cabeça, coração.
Se tanto não chegar, irá parecer
Que a malícia suplanta a verdade. E imploro-vos,
Dobrai uma vez a lei à vossa autoridade: [210]
Para fazer um grande bem se faça um pequeno mal,
E curvai a este diabo cruel a sua vontade.

PÓRCIA

Não pode ser. Não há poder em Veneza
Que possa alterar um decreto estabelecido:
Será registado como um precedente, [215]
E muitos erros seguindo o mesmo exemplo
Acorrerão Estado adentro. Não pode ser.

SHYLOCK

Um Daniel veio ao julgamento! Sim, um Daniel!
Ó sábio jovem juiz, como te honro!

PÓRCIA

Peço-vos, deixai-me ver a fiança. [220]

SHYLOCK

Aqui está, muito reverendo doutor, aqui está.

PÓRCIA

Shylock, há uma oferta do triplo do teu dinheiro.

SHYLOCK

Uma jura, uma jura, eu fiz uma jura ao céu.
Deverá cair-me na alma o perjúrio?
Nunca, nem por toda Veneza.

PÓRCIA

Ora, o prazo desta fiança venceu, [225]
E por ele, legalmente, o Judeu pode exigir
Meio-quilo de carne, a ser por ele cortada
Junto ao coração do mercador. Sê misericordioso:
Toma três vezes o teu dinheiro, deixa-me rasgar o contrato.

SHYLOCK

Quando estiver pago de acordo com o conteúdo. [230]
Parece-me que sois um juiz meritório,
Conheceis a lei, a vossa exposição
Tem sido do mais sólido. Intimo-vos, pela lei,
Da qual sois um pilar merecedor,
Continuai o julgamento. Pela minha alma juro [235]
Que não há poder na língua de um homem
Que me mude: agarro-me à minha fiança.

ANTÓNIO

De todo o coração peço ao tribunal
Que pronuncie a sentença.

PÓRCIA

Bom, então, assim será:
Devereis preparar o vosso peito para esta faca. [240]

SHYLOCK

Oh nobre juiz! Oh excelente jovem!

PÓRCIA

Porque o espírito e objectivos da lei
Tem toda a relação com a penalidade
Que aqui aparece devida segundo a fiança.

SHYLOCK

É muito verdade. Oh sábio e íntegro juiz! [245]
Quanto mais velho és do que a tua aparência!

PÓRCIA

Portanto, mostra o teu peito nu.

SHYLOCK

Sim, o peito dele,
Assim diz o contrato, não é verdade, nobre juiz?
«O mais perto do coração» são as palavras exactas.

PÓRCIA

Assim é. Há aí uma balança para pesar [250]
A carne?

SHYLOCK

Tenho-a pronta.

PÓRCIA

Manda vir um cirurgião, Shylock, a ser pago por ti,
Para fechar a ferida, para que não sangre até à morte.

SHYLOCK

Está isso especificado na fiança?

PÓRCIA

Não está assim especificado, mas que mal há? [255]
Seria bom que o fizesses por caridade.

SHYLOCK

Não a consigo encontrar, não está na fiança.

PÓRCIA

E tu, Mercador, tens alguma coisa a dizer?

ANTÓNIO

Muito pouco. Estou armado e bem preparado.
Dá-me a tua mão, Bassânio, boa viagem! [260]

Não lamentes que eu tenha caído nisto por tua causa,
Porque aqui a Fortuna mostra-se mais bondosa
Do que lhe é costume: é ainda uso dela
Deixar um infeliz sobreviver à sua riqueza,
Para ver com olhos cavos e testa enrugada [265]

Uma idade de pobreza. Assim da pena perpétua
De tal miséria me deve ela deserdar.
Recomenda-me à tua honrosa esposa:
Conta-lhe o processo do fim de António;
Diz-lhe quanto te amei, fala bem de mim na morte; [270]

E, acabada a história, pede-lhe que julgue
Se Bassânio não teve uma vez um amigo.
Arrepende-te de teres perdido o teu amigo,
Que ele não se arrepende de te ter pago a dívida;
Porque se o Judeu cortar fundo que baste, [275]
Pagá-la-ei agora com todo o meu coração.

BASSÂNIO

António, estou casado com uma mulher
Que me é tão querida quanto a própria vida;
Mas a própria vida, a minha mulher, e o mundo inteiro,
Não os estimo mais do que a tua vida: [280]
Perderia tudo, sim, sacrificaria todos
Aqui a este demónio, para te livrar.

PÓRCIA

A tua mulher iria agradecer-te pouco por isso,
Se estivesse por aqui, a ouvir-te fazer a oferta.

GRACIANO

Tenho uma mulher a quem amo, declaro-o, [285]
Mas gostaria que estivesse no céu, para poder
Invocar algum poder que mudasse este Judeu cruel.

NERISSA

Fazes bem que o ofereças nas costas dela
Noutras condições esse desejo deixaria a casa inquieta.

SHYLOCK

São estes os maridos cristãos. Tenho uma filha. [290]
Preferiria que um qualquer da laia de Barrabás
Fosse o marido dela em vez de um cristão! [*Aparte*]
Estamos a perder tempo. Peço-vos, dêem seguimento à sentença.

PÓRCIA

Meio quilo dessa mesma carne do mercador é tua:
O tribunal ta concede, e a lei deverá dar-ta. [295]

SHYLOCK

Que juiz tão correcto!

PÓRCIA

E deves cortar essa carne do peito dele:
A lei permite-o, e o tribunal concede-to.

SHYLOCK

Que juiz tão sábio! A sentença! Vá, prepara-te!

PÓRCIA

Espera um pouco. Há algo mais. [300]

Esta fiança não te dá direito a uma gota de sangue,
As palavras especificam «meio-quilo de carne».
Toma então a tua fiança, toma o meio-quilo de carne,
Mas, ao cortá-lo, se derramares
Uma gota de sangue cristão, as tuas terras e bens, [305]
Pelas leis de Veneza, ser-te-ão confiscadas
Para o Estado de Veneza.

GRACIANO

Que juiz tão correcto! Repara, Judeu: que juiz tão sábio!

SHYLOCK

É essa a lei?

PÓRCIA

Tu próprio verás o édito,
Porque, como exigiste justiça, fica seguro [310]
Que terás justiça, mais do que desejaste.

GRACIANO

Ó sábio juiz! Repara, Judeu: um sábio juiz!

SHYLOCK

Aceito a oferta, então. Paguem três vezes a fiança
E deixem o cristão partir.

BASSÂNIO

Aqui está o dinheiro.

PÓRCIA

Calma!

[315]

O Judeu terá a justiça toda. Calma! Não se apressem:
Ele não terá mais do que a penalidade.

GRACIANO

Oh Judeu! Um correcto juiz, um sábio juiz!

PÓRCIA

Portanto, prepara-te para cortar a carne.

Não derrames sangue, nem cortes menos nem mais

[320]

Mas apenas meio-quilo: se cortares mais

Ou menos do que um meio-quilo exacto, seja tanto

Que o faça leve ou pesado na substância,

Ou a divisão da parte proporcional de um vigésimo

De um pobre grama, não, se a balança virar

[325]

Na estimativa nem que seja por um cabelo,

Tu morres e todos os teus bens são confiscados.

GRACIANO

Um segundo Daniel, um Daniel, Judeu!

Agora, infiel, tenho-te debaixo do chicote.

PÓRCIA

Porque hesita o Judeu? Toma a tua fiança.

[330]

SHYLOCK

Dai-me o meu capital e deixai-me ir.

BASSÂNIO

Já o tenho pronto para ti. Aqui está.

PÓRCIA

Já o recusou em pleno tribunal,

Receberá apenas justiça e a sua fiança.

GRACIANO

Um Daniel, ainda digo eu, um segundo Daniel!

[335]

Agradeço-te, Judeu, por me teres ensinado a expressão.

SHYLOCK

Não terei eu nem sequer o capital?

PÓRCIA

Não terás nada mais do que a fiança,
A ser tomada por teu próprio risco, Judeu.

SHYLOCK

Ora, então o diabo lhe dê bom destino! [340]
Não quero mais litígios.

PÓRCIA

Calma, Judeu:
A lei tem ainda outro direito sobre ti.
Está inscrito nas leis de Veneza
Que, se for provado contra um estrangeiro
Por tentativas directas ou indirectas, ter [345]
Atentado contra a vida de algum cidadão,
A parte contra a qual ele conspira
Confiscar-lhe-á metade dos seus bens; a outra metade
Irá para os cofres privados do Estado,
E a vida do ofensor fica à mercê [350]
Do Duque apenas, contra qualquer outro voto.
E neste predicamento, digo, estás tu.
Porque parece, por comportamento manifesto,
Que indirectamente, e também directamente
Conspiraste contra a própria vida [355]
Do acusado, e incorreste
No perigo inicialmente por mim afirmado.
Portanto ajoelha e implora misericórdia ao Duque.

GRACIANO

Implora que te dê autorização para te enforcares.
Porém, revertendo a tua riqueza para o Estado, [360]
Não te sobrará nem para o preço de uma corda
Pelo que terás de ser enforcado às custas do Estado.

DUQUE

Para que possas ver a diferença entre os nossos espíritos,
Perdoó-te a vida antes que mo peças.
Quanto a metade da tua riqueza, pertence a António, [365]
A outra metade vem para o tesouro do Estado
Embora a humildade a possa transformar numa multa.

PÓRCIA

Sim, no caso do Estado, não de António.

SHYLOCK

Não, tomem-me a vida e tudo. Nada de perdões.
Levam-me a casa quando tomam as fundações [370]
Que sustêm a minha casa. Tomam-me a vida
Quando me tomam os meios pelos quais vivo.

PÓRCIA

Que misericórdia lhe podes conceder, António?

GRACIANO

Uma corda grátis, nada mais por amor de Deus.

ANTÓNIO

Caso agrade a meu senhor o Duque e ao tribunal todo [375]

Abandonar a multa por metade dos bens dele,

Ficarei contente. Assim ele me deixe ter

A outra metade por usufruto, para a restituir,

À data da sua morte, ao cavaleiro

Que lhe roubou a filha. [380]

Duas coisas mais pedia: que, por este favor,

Ele se torne agora cristão;

A outra, que ele registre uma doação,

Aqui no tribunal, de tudo o que possuir à hora da morte,

Em nome de seu filho Lourenço e da filha. [385]

DUQUE

Assim o fará, caso contrário retirarei

O perdão que há pouco aqui pronunciei.

PÓRCIA

Estás satisfeito, Judeu? O que tens a dizer?

SHYLOCK

Estou satisfeito.

PÓRCIA

Funcionário, elabora uma escritura de doação.

SHYLOCK

Peço-vos, dêem-me autorização para sair daqui [390]

Não me sinto bem. Enviem-me o documento depois

E assiná-lo-ei.

DUQUE

Retira-te, mas faz o que te disseram.

GRACIANO

No baptismo terás dois padrinhos:

Fosse eu o juiz e terias mais uns dez

Para te levarem ao calabouço, não à pia. [395]

[Sai Shylock]

DUQUE

Senhor, convido-vos para jantar em minha casa.

PÓRCIA

Humildemente peço perdão a vossa Graça:

Tenho de partir esta noite para Pádua

E é necessário que inicie agora a viagem.

DUQUE

Lamento que o vosso descanso vos não seja útil. [400]
António, recompensa este cavalheiro,
Porque, segundo penso, muito lhe deves.
[Saem o Duque e a sua comitiva]

BASSÂNIO

Muito valoroso senhor, eu e o meu amigo
Fomos pela tua sabedoria hoje ilibados
De penalidades dolorosas. Em lugar das quais [405]
Com os três mil ducados devidos ao Judeu,
Livrentemente cobrimos os vossos esforços.

ANTÓNIO

E ficamos em dívida, mais e acima de tudo isso,
Em amor e gratidão para sempre.

PÓRCIA

Fica bem pago quem fica satisfeito. [410]
E eu, libertando-vos, fico satisfeito,
Portanto considero-me a mim próprio bem pago,
No entanto, nunca fui tão mercenário.
Peço-vos, reconhecei-me quando nos virmos outra vez:
Desejo-vos bem, e por isso vou partir. [415]

BASSÂNIO

Caro senhor, por força tenho que insistir:
Tomai alguma recordação nossa, algum tributo,
Não como pagamento: concedei-me duas coisas, vos peço,
Não me negueis, e perdoai-me.

PÓRCIA

Insistis muito, e por isso cederei. [420]
[Para António]
Dai-me as vossas luvas, usá-las-ei por amor de vós;
[Para Bassânio]
E, pelo vosso amor, tomarei de vós esse anel.
Não retireis a vossa mão, não quero nada mais.
E vós, por amor, não me podereis negar isso.

BASSÂNIO

Este anel, bom senhor, infelizmente, é de fantasia! [425]
Não me envergonharei dando-vos isto?

PÓRCIA

Não quero nada mais, apenas isso,
E agora acho que me apetece mesmo tê-lo.

BASSÂNIO

Há mais a depender disto do que o mero valor.
O anel mais caro de Veneza vos darei, [430]

E descobri-lo-ei por proclamação:
Só que este não, peço-vos, perdoai-me.

PÓRCIA

Vejo bem, senhor, que sois liberal nas ofertas:
Primeiro ensinaste-me a pedir, e agora creio
Que me ensinais como se responde a um pedinte. [435]

BASSÂNIO

Bom senhor, este anel foi-me dado por minha mulher,
E quando mo pôs no dedo, obrigou-me a jurar
Que nunca deveria cedê-lo nem perdê-lo.

PÓRCIA

A desculpa de muitos homens para pouparem nas prendas.
E se a vossa mulher não for uma louca, [440]
E souber quão bem eu mereci o anel,
Não se manterá vossa inimiga para sempre
Por mo terdes dado a mim. Bom, que a paz fique convosco.
[Saem Pórcia e Nerissa]

ANTÓNIO

Amigo Bassânio, deixa-o ficar com o anel:
Que os merecimentos dele e a minha amizade [445]
Sejam pesados contra as ordens da tua mulher.

BASSÂNIO

Vai, Graciano, corre e alcança-o;
Dá-lhe o anel, e trá-lo, se puderes,
Até casa de António: anda! Despacha-te.
[Sai Graciano]
Vamos, tu e eu descansaremos agora [450]
E de manhã cedo iremos ambos
A voar até Belmonte: vem, António.
[Saem]

Acto 4, Cena 2

Os mesmos. Uma rua.

[Entram órcia e Nerissa]

PÓRCIA

Pergunta onde é a casa do Judeu, dá-lhe o documento
E deixa que o assine. Partimos esta noite
E chegaremos a casa um dia antes dos nossos maridos.
Esta doação será bem acolhida por Lourenço.

[Entra Graciano]

GRACIANO

Bom senhor, ainda bem que vos apanhei
O meu senhor Bassânio, pensando melhor
Envia-vos aqui este anel, e gostaria muito
De ter a vossa companhia para jantar.

[5]

PÓRCIA

Isso não é possível.
O anel dele aceito com toda a gratidão
E assim vos rogo, dizei-lho. Além disso,
Peço-vos, mostrai ao jovem a casa do velho Shylock.

[10]

GRACIANO

Assim farei.

NERISSA

Senhor, preciso de falar convosco.
[À parte a Pórcia]
Verei se posso apanhar o anel do meu marido
A quem fiz jurar que o conservaria para sempre.

PÓRCIA

[À parte para Nerissa]
Consegues, tenho a certeza.
Teremos velhas juras
Que deram os anéis a homens
Mas havemos de os desmascarar e abjurar também.
[Alto]
Ide! Despachai-vos. Sabeis onde estarei a descansar.

[15]

NERISSA

Vamos, bom senhor, mostrais-me a casa dele?
[Saem]

[20]

Acto 5, Cena 1

Belmonte. Avenida a caminho da casa de Pórcia.

[Entram Lourenço e Jessica]

LOURENÇO

A lua reluz brilhante. Numa noite como esta,
Quando o doce vento beijava gentilmente as árvores
E elas sem fazerem ruído, numa noite destas
Troilo¹⁷, penso, escalou as muralhas troianas
E abandonou a alma num suspiro em direito às tendas gregas [5]
Onde Criseida dormia nessa noite.

JESSICA

Numa noite assim
Tisbé¹⁸ temerosa pisoteou o orvalho
E viu a sombra do leão ele mesmo
E correu assustada a fugir.

LOURENÇO

Numa noite assim
Dido¹⁹, com um ramo de salgueiro na mão, [10]
Sobre os recifes à beira mar, acenou ao seu amor
Para que regressasse a Cartago.

JESSICA

Numa noite assim
Medeia²⁰ colheu as ervas encantadas
Que rejuvenesceram o velho Esão.

LOURENÇO

Numa noite assim,
Jessica roubou o rico Judeu [15]
E com amor inabalável fugiu de Veneza
Para tão longe quanto Belmonte.

JESSICA

Numa noite assim
O jovem Lourenço jurou que a amava muito
Roubando-lhe a alma com muitas juras de fé
E nem uma só verdadeira

LOURENÇO

Numa noite assim [20]
A bela Jessica, como uma pequena feiticeira,
Caluniou o seu amor, e ele perdeu-lhe.

JESSICA

Gostaria de te suplantar numa noite assim, não viesse aí alguém.
Mas, enfim, oiço os passos de um homem.

[Entra Estêvão]

LOURENÇO

Quem vem tão rápido no silêncio da noite? [25]

ESTÊVÃO

Um amigo.

LOURENÇO

Um amigo! Que amigo? Qual o teu nome, diz-me, amigo?

ESTÊVÃO

Estevão é o meu nome, e trago palavra
De que a minha senhora antes da aurora
Estará aqui em Belmonte. Ela só se demora [30]
Junto aos cruzeiros sagrados, onde se ajoelha e reza
Por felizes horas de casamento.

LOURENÇO

Quem vem com ela?

ESTÊVÃO

Mais ninguém além de um santo eremita e a criada dela.
Pergunto-vos senhor, o vosso amo já chegou?

LOURENÇO

Ainda não, nem sequer ouvimos falar dele. [35]
Mas entremos, peço-te Jessica.
E cerimoniosamente preparemos
As boas vindas para a senhora da casa.
[Entra Lancelote]

LANCELOTE

Sola, sola! ho ha, ho! sola, sola! [*a imitar uma corneta*]

LOURENÇO

Quem chama? [40]

LANCELOTE

Sola! Vistes o senhor Lourenço?
O Senhor Lourenço, sola, sola!

LOURENÇO

Deixa de guinchar homem, aqui.

LANCELOTE

Sola! Onde? Onde?

LOURENÇO

Aqui. [45]

LANCELOTE

Dizei-lhe que chegou correio do meu amo, com
A trombeta cheia de boas novas: o meu amo estará aqui
pela manhã.

[Sai]

LOURENÇO

Querida alma, entremos, e esperemos a chegada deles.
Não importa: porque deveríamos entrar? [50]
Amigo Estevão, peço-vos, informai aí
Dentro de casa, que a vossa ama está perto,
E mandai-nos a música cá para fora.

[Sai Estevão]

Como dorme docemente o luar nesta margem!
Sentemo-nos aqui, e deixemos os sons da música [55]
Penetrar-nos nos ouvidos. A suave quietude e a noite
Tornam-se os acordes da doce harmonia.

Senta-te, Jessica. Olha como a superfície do céu
Se incrusta profundamente de patenas de ouro brilhante:
Não existe a menor órbita que possas alcançar [60]
Que no seu movimento não cante como um anjo,
Quieto coro para os querubins de olhos jovens.

Tal harmonia existe nas almas imortais
Mas enquanto estas vestes decadentes e enlameadas
Grosseiramente as encerrarem, não as podemos ouvir. [65]

[Entram Músicos]

Vinde, oh! E acordem Diana com um hino!
Com os acordes mais suaves comovei os ouvidos da vossa ama,
E tragam-na para casa com música.

[Música]

JESSICA

Nunca fico alegre quando ouço música suave.

LOURENÇO

A razão é que os teus sentidos estão atentos. [70]
Repara. Se uma manada selvagem e desorganizada,
Ou uma corrida de potros jovens e selvagens,
Dando saltos loucos, gemendo e relinchando alto
Que é a condição quente do seu sangue, [75]

Por acaso, ouvirem o som de uma trombeta,
Ou qualquer música lhes tocar os ouvidos,
Perceberás que param todos em conjunto,
Os olhos selvagens mudando-se-lhes em modéstia
Pelo doce poder da música. Por isso o poeta
Fingiu que Orfeu²¹ fez moverem-se as árvores, pedras e rios; [80]
Dado que nada há de mais insensível, duro e cheio de fúria
A que a música lhe não mude a natureza.

O homem que não tem música em si,
Nem se comove pela harmonia de doces sons,
Está pronto para traições, estratégias e roubos, [85]
Os movimentos do seu espírito são sombrios como a noite

E os seus afectos escuros como o Érebo²²
Que não se confie num homem assim. Ouve a música.
[Entram Pórcia e Nerissa]

PÓRCIA

Aquela luz que vemos arde na minha entrada.
Quão longe aquela pequena vela lança os seus raios! [90]
Assim brilha uma boa acção num mundo vil.

NERISSA

Quando a lua brilhava, não víamos a vela.

PÓRCIA

Assim deve a maior glória obscurecer a menor:
Um substituto brilha tanto quanto um rei
Até que o rei esteja por perto, e então o seu estado [95]
Esvazia-se, como acontece com um riacho do interior
Perante as águas do mar. Música. Escuta!

NERISSA

É a vossa música, senhora, vem da casa.

PÓRCIA

Nada é bom, vejo, sem respeito:
Acho que soa muito mais doce do que durante o dia. [100]

NERISSA

O silêncio concede-lhe essa virtude, senhora.

PÓRCIA

O corvo canta tão docemente quanto a cotovia,
Quando nenhum é ouvido, e penso
Que se o rouxinol cantasse durante o dia,
Quando todos os gansos cacarejam, achá-lo-iam [105]
Não melhor músico que a carriça.
Quantas coisas pelo tempo são temperadas
Até ao seu louvor correcto e verdadeira perfeição!
Paz, oh! A lua dorme com Endimião²³
E não quer ser acordada.
[Pára a Música]

LOURENÇO

Aquela é a voz, [110]
Ou muito me engano, de Pórcia.

PÓRCIA

Reconhece-me como o cego reconhece o cuco,
Pela voz desafinada.

LOURENÇO

Querida senhora, bem vinda a casa.

PÓRCIA

Temos andado a rezar pela saúde dos nossos maridos,
Que, esperamos, esteja melhor pelas nossas palavras. [115]
Eles já regressaram?

LOURENÇO

Senhora, ainda não.
Mas veio o mensageiro à frente,
A anunciar o regresso deles.

PÓRCIA

Entra, Nerissa.
Dá ordem aos criados que não dêem sinal
Algum da nossa ausência até aqui. [120]
Nem tu, Lourenço, nem tu, Jessica.
[Soa uma corneta]

LOURENÇO

O vosso marido está perto, oiço o clarim dele.
Nós não somos delatores, senhora, nada temais.

PÓRCIA

Acho que esta noite não é mais que a luz do dia doente,
Parece-me um pouco mais pálida: é dia [125]
Tal como um dia em que o sol se esconde.
[Entram Bassânio, António, Graciano e comitiva]

BASSÂNIO

Até poderíamos estar a par dos antípodas
Se saísse de casa na ausência do sol.

PÓRCIA

Deixai-me dar luz, mas não me deixeis ser a luz;
Porque uma mulher ligeira torna pesado o marido, [130]
E que nunca Bassânio o seja por minha causa.
Mas Deus arranja tudo! Bemvindo a casa, senhor.

BASSÂNIO

Agradeço-te, senhora. Dá as boas vindas ao meu amigo
Este é o homem, este é António,
A quem estou tão infinitamente obrigado. [135]

PÓRCIA

Deveríeis em todos os sentidos estar-lhe muito obrigado
Porque, segundo ouvi, muito obrigado estava ele por tua causa.

ANTÓNIO

Não tanto que não me desobrigasse bem.

PÓRCIA

Senhor, sois muito bem-vindo à nossa casa:
Será aparente por outros meios mais que as palavras. [140]
Por isso encurtarei as expressões de cortesia.

GRACIANO

[Para Nerissa]

Pela lua, juro que me julgas mal
Por boa fé, dei-o ao ajudante do advogado
Por mim, antes queria que fosse capado por tê-lo
Dado, já que o levas tanto a peito, amor. [145]

PÓRCIA

Uma discussão, oh, já? E qual é a causa?

GRACIANO

Um aro de ouro, um anel insignificante
Que ela me deu, cuja mote era
Por Deus, um poema de fancaria
Sobre uma faca «Ama-me e não me deixes.» [150]

NERISSA

Porque falas tu da frase ou do valor?
Juraste-me, quando to dei
Que o usarias até à hora da tua morte
E que jazeria contigo na tua campa.
Não por mim, mas pelas tuas juras veementes [155]
Deverias ter tido respeito e tê-lo conservado.
Deste-o ao ajudante! Não, Deus é o meu juiz
O funcionário que o tem nunca teve um pelo na cara.

GRACIANO

Terá, se viver para chegar a homem.

NERISSA

Sim, se uma mulher viver para ser um homem. [160]

GRACIANO

Oh, com esta mão, dei-o a um jovem
Uma espécie de rapaz, um rapazito pequeno
Não mais alto do que tu, o ajudante do advogado,
Um trapalhão, que mo pediu em pagamento:
Não podia, pelo meu coração, negar-lho a ele. [165]

PÓRCIA

És digno de censura, tenho que ser franca contigo,
Separares-te tão ligeiro da primeira prenda da tua mulher:
Uma coisa enfiada com juras no teu dedo
E tão rebitada com fé na tua carne.
Dei ao meu amor um anel e fi-lo jurar [170]
Que nunca se separaria dele, e hei-lo aqui.
Ousaria jurar por ele que não o abandonaria

Nem arrancaria do dedo, por todas as riquezas
Que o mundo domina. Sinceramente, Graciano,
Dás a tua mulher uma causa de dor demasiado cruel. [175]
Se fosse comigo, ficaria furiosa com o assunto.

BASSÂNIO

[Aparte]

Ora, teria feito melhor em cortar a mão esquerda
e jurar que perdi o anel a defendê-lo.

GRACIANO

O meu amigo Bassânio deu o anel dele
Ao advogado que lho pediu e que, de facto [180]
Também o mereceu. E depois o rapaz, o ajudante,
Que teve algum trabalho com as escritas, pediu-me o meu.
E nenhum deles, criado ou amo, queria outra coisa
Senão os dois anéis.

PÓRCIA

E que anel deste, senhor?
Não o que recebeste de mim, espero. [185]

BASSÂNIO

Se pudesse acrescentar uma mentira a um erro
Negá-lo-ia. Mas tu vês o meu dedo
Não tem nele o anel. Foi-se.

PÓRCIA

Tão vazio de fidelidade está o teu falso coração.
Por Deus, nunca entrarei na tua cama [190]
Até que veja o anel.

NERISSA

Nem eu na tua,
Até que veja o meu de novo.

BASSÂNIO

Doce Pórcia,
Se soubesses a quem eu dei o anel
Se soubesses por quem eu dei o anel
E imaginasses por quê dei o anel [195]
E com quanta má vontade deixei o anel,
Quando nada seria aceite se não o anel,
Abaterias a força do teu desagrado.

PÓRCIA

Se tivesses conhecido a virtude do anel
Ou metade do valor da que te deu o anel, [200]
Ou a tua própria honra para reter o anel,
Não te terias então separado do anel.
Que homem tão pouco razoável!
Se tivesses desejado tê-lo defendido

Com termos de zelo – teria a imodéstia [205]
De exigir uma coisa tida por sagrada?
Nerissa ensina-me no que devo acreditar:
Que eu morra se não foi uma mulher quem ficou com o anel.

BASSÂNIO

Pela minha honra, pela minha alma, senhora,
Nenhuma mulher o teve, mas um doutor em leis [210]
Que me recusou três mil ducados
E me implorou o anel, o qual lhe neguei.
E sofri que se afastasse desagradado
Logo ele que tinha verdadeiramente salvo a vida
Do meu querido amigo. Que dizer, doce senhora? [215]
Fui forçado a enviar-lho
Estava esmagado com vergonha e incorrecção,
A minha honra não deixaria a ingratidão
Manchá-la assim. Perdoa-me, boa senhora;
Porque, por estas abençoadas luzes da noite, [220]
Estivesses tu lá, e sei que me terias implorado
A mim o anel para o dar ao valoroso doutor.

PÓRCIA

Que esse doutor nunca se aproxime da minha casa:
Dado que tem a jóia que eu estimava,
E que tu juraste conservar por mim. [225]
Tornar-me-ei tão liberal quanto tu
Não lhe negarei nada do que tenho,
Não, nem o meu corpo, nem a cama do meu marido.
Reconhecê-lo-ei, tenho a certeza disso.
Jamais durmas uma noite fora de casa, vigia-me como Argos²⁴: [230]
Se o não fizeres, se me deixares sozinha,
Bom, pela minha honra, que ainda é só minha,
Terei esse doutor por companheiro de cama.

NERISSA

E eu o ajudante dele. Portanto, estás prevenido
Não me deixes à minha própria protecção. [235]

GRACIANO

Bom, faz isso. Não me deixes então encontrá-lo
Porque, se o fizer, estragarei a caneta ao jovem ajudante.

ANTÓNIO

E sou eu o infeliz tema destas discórdias.

PÓRCIA

Senhor, não vos aflijais, sois bem vindo apesar de tudo.

BASSÂNIO

Pórcia, perdoa-me esta maldade forçada [240]

E, diante destes muitos amigos,
Juro-te, até pelos teus belos olhos claros,
Em que me vejo a mim...

PÓRCIA

Tem cuidado com isso!
Em ambos os meus olhos ele se vê a si,
Em cada olho, um: jura pelo seu duplo ser, [245]
E aí está uma jura credível!

BASSÂNIO

Não, mas ouve-me:
Perdoa este erro, e pela minha alma juro
Nunca mais quebrar uma jura contigo.

ANTÓNIO

Uma vez cedi o meu corpo pela felicidade dele
E se não fosse por quem tem o anel do vosso marido, [250]
Teria sido destruído: ousou comprometer-me outra vez,
Dando a minha alma por garantia, que o vosso senhor
Nunca mais quebrará juras premeditadamente.

PÓRCIA

Então sereis a fiança dele. Dai-lhe isto
E pedi-lhe que o guarde melhor do que ao outro. [255]

ANTÓNIO

Aqui, amigo Bassânio, jurai guardar este anel.

BASSÂNIO

Por Deus, é o mesmo que dei ao doutor!

PÓRCIA

Tomei-o dele. Perdoa-me Bassânio
Porque, por este anel, o doutor deitou-se comigo.

NERISSA

E perdoa-me, gentil Graciano; [260]
Porque o mesmo engomado rapaz, o ajudante do advogado
Em troca disto deitou-se comigo a noite passada.

GRACIANO

Ora, isto é como remendar estradas largas
No Verão, enquanto ainda estão boas.
O quê? Somos cornos antes de o termos merecido? [265]

PÓRCIA

Não sejas tão grosseiro. Estão todos surpreendidos.
Eis aqui uma carta. Lê com calma,
Vem de Pádua, de Belário:
Aqui descobrireis que Pórcia foi o advogado,
Nerissa ali o ajudante dela. Lourenço aqui [270]

Testemunhará que parti tão cedo quanto vós
E que acabei de chegar há pouco: ainda não
Entrei em minha casa. António, sois benvindo,
E tenho melhores notícias guardadas para vós
Do que esperais. Abri esta carta depressa, [275]
Aí ireis descobrir que três dos vossos cargueiros
Chegaram ricamente de súbito ao porto:
Não vos direi por que estranho acidente
Esta carta me veio parar às mãos.

ANTÓNIO

Fico mudo.

BASSÂNIO

Tu foste o doutor e eu não te reconheci? [280]

GRACIANO

Tu foste o ajudante que me vai pôr os cornos?

NERISSA

Sim, mas o ajudante que nunca o quererá fazer
A não ser que viva até ser um homem.

BASSÂNIO

Doce doutor, serás o meu companheiro de cama:
Quando estiver ausente, então deitas-te com a minha mulher. [285]

ANTÓNIO

Doce senhora, deste-me a vida e meios para viver,
Porque leio aqui que alguns dos meus navios
Chegaram em segurança e salvos a porto.

PÓRCIA

Agora bom, Lourenço!
O meu ajudante tem alguns confortos para ti.

NERISSA

Sim, e dar-lhos-ei a ele sem cobrar nada. [290]
Aqui te dou e a Jessica
Um documento de doação especial da parte do rico Judeu
Onde lega, depois da morte, tudo o que possuir ao morrer.

LOURENÇO

Belas senhoras, derramais maná no caminho
De gente esfomeada.

PÓRCIA

É quase manhã. [295]
E tenho a certeza de que ainda não estão satisfeitos
Com a totalidade dos acontecimentos. Entremos,
E sentenciai-nos a interrogatórios,
E responderemos fielmente a tudo.

GRACIANO

Que assim seja. O primeiro interrogatório [300]

A que a minha Nerissa terá de jurar é

Se prefere esperar até à próxima noite,

Ou ir agora para a cama. Faltam duas horas para o dia:

Mas viesse o dia, eu desejá-lo-ia escuro,

Para me deitar com o ajudante do advogado. [305]

Bom, enquanto viver não temerei outra coisa

Tão dolorosa como proteger o anel de Nerissa.

[Saem]

NOTAS

¹ Espírito animista das portas (lat. *januae*) e arcos triunfais (lat. *janii*), representado sob a forma de uma cabeça com duas caras (às vezes quatro) com, ou sem, barba, viradas em sentidos opostos (trás/frente, passado/futuro). Deus dos começos, dele deriva o nome do mês de Janeiro cujo dia 9 lhe era dedicado.

² Rei de Pilos, em Elis. Tem cerca de 70 anos na **Ilíada**. Sábio e piedoso, é o grande rival de Ulisses na habilidade retórica.

³ (Marco Pórcio) Catão (95-46a.C.). Trata-se de Catão o Novo, neto de Catão o Censor. Chefe dos «Optimates» (membros do senado, conservadores e aristocratas) é o grande inimigo de Júlio César. Depois da derrota de Pompeu na batalha de Farsália (Tessália) leva o resto das tropas para África e refugia-se em Utica. À beira da derrota, evacua as tropas por mar e suicida-se. Louvado por Cícero e Lucano, torna-se modelo de virtudes.

⁴ (Quinto Cipião) Bruto (77-42a.C.) junta-se à conspiração de Gaio Cássio Longino e participa no assassinato de Júlio César em Março de 44 a.C.; suicida-se em 42a.C. quando derrotado por António e Octaviano. É um dos heróis de Shakespeare na peça **Júlio César**.

⁵ A Cólquida é o reino de Aetes, na misteriosa periferia do mundo heróico. Ali está dependurado o velo de ouro, que irá ser recolhido pelos argonautas comandados por Jasão.

⁶ Jasão é filho de Esão, rei de Iolcos na Tessália. O seu tio Pélias (meio-irmão do pai) rouba-lhe o trono, e promete devolver-lho se lhe trouxer o toirão de ouro. Com a ajuda de Medeia (heroína da tragédia de Eurípidés), com quem irá casar, consegue o seu objectivo. No regresso, Medeia assassina Pélias, mas o filho deste expulsa-a. Refugiam-se junto do rei de Corinto. Mais tarde Jasão troca Medeia pela filha do rei Creonte de Corinto. Traída, Medeia mata os filhos e dá-os a comer a Jasão.

⁷ Profetiza da lenda e literatura gregas. É representada como uma mulher muito velha debitando profecias em estado de loucura. As suas palavras oraculares, em hexâmetros gregos, eram registadas por escrito, estando supostamente na origem dos chamados «divros sibilinos».

⁸ No panteão romano Diana é a contraparte da Artemísia grega. É a deusa dos animais selvagens e da caça, da fertilidade e também da castidade.

⁹ Também chamado Israel (Génesis 25-27). Vide nota seguinte.

¹⁰ O primogénito de Esaú cede ao seu irmão gémeo Jacob os seus direitos em troca de um prato de lentilhas. Fugindo à ira de Esaú quando este descobre o engano, Jacob refugia-se em casa de seu tio Labão, em Haram, na Mesopotâmia. Apaixona-se por Raquel, mas Labão dá-lhe a irmã mais velha desta, Lia, em casamento (tema do soneto de Camões). Jacob serve mais 7 anos para conquistar Raquel – da qual terá por filhos Benjamim e José – e para angariar dinheiro para poder regressar à Palestina. No caminho luta com um estranho (um anjo) que lhe muda o nome para Israel. Reencontra-se com Esaú, reconcilia-se com o irmão e fixa-se em Cana.

¹¹ O rei Licoas, ou Licos, descendente de Atlas, é um dos chefes Aqueus que comandaram a expedição contra Tróia. Personagem da peça **Hércules**, de Eurípidés (421-416 a.C.) é o rei infiel de Tebas que quer matar os filhos de Hércules.

¹² Primeiro nome de Hércules até este ser rebaptizado por uma sacerdotisa de Píton. Foi ela quem lhe aconselhou que servisse Euristeu durante 12 anos, e que executasse os trabalhos que lhe fossem impostos a fim de se tornar imortal.

¹³ São as Moiras gregas, ou as Parcas latinas: três mulheres velhas que determinam os destinos humanos. Cloto/Nona tece os fios da vida, Laquéis/Decuma distribui as sortes e Átropo/Morta, a inflexível, corta os fios determinando o momento da morte de cada um.

¹⁴ Esta planta aromática (do sânscrito *singabera*) era conhecida em Inglaterra desde o sec. XI e usada para dar sabor a pães, molhos e conservas. Pedacos de gengibre eram comidos entre as refeições para aliviar o hálito, ou usada medicinalmente para tratar a flatulência e cólicas.

¹⁵ Ou Lia, nome herdado da figura do Antigo Testamento (**Génesis** 25). É a primeira mulher de Jacob, e mãe dos seus 5 filhos: Ruben, Simeão, Levi, Isacar, Zebulum e Judá, os patriarcas de cinco das doze tribos de Israel. Judá é um dos antepassados bíblicos do rei David, e logo também de Jesus Cristo.

¹⁶ Vide nota 12.

¹⁷ Filho do rei Príamo e da rainha Hécuba, de Tróia. Terá sido morto por Aquiles antes do início da Guerra de Tróia. É retratado como o amante inocente e traído dado a sua amada o ter trocado pelo herói grego Diómedes. Benoit de Saint-Maure chama à rapariga Briseida; o tema é recuperado por Boccaccio, Chaucer, e o próprio Shakespeare na peça **Troilo e Crésida**.

¹⁸ Amada de Pírramo, são ambos protagonistas de uma história de amor situada na Babilónia e narrada nas **Metamorfoses** de Ovídio. Os pais não consentem no casamento e por isso os jovens resolvem fugir. Combinam encontrar-se junto de uma amoreira. Tisbé é a primeira a chegar. Assustada pelo rugir de uma leoa foge, deixando cair um véu com a pressa. A leoa rasga o pano e mancha-o com sangue de um touro. Príamo chega e, pensando que Tisbé foi devorada pela leoa, apunha-la-se. Quando Tisbé retorna, e descobre o amado morto sob a amoreira, suicida-se. Diz a lenda que foi por isso que as amoras, até então brancas, se tornaram vermelhas. É também este o tema que subjaz ao **Romeu e Julieta** de Shakespeare.

¹⁹ Também chamada Elisa, é filha do rei Muto da Tíria, mulher de Siqueu (ou Acerbas) e irmã de Pigmaleão. O irmão mata-lhe o marido e Dido foge para África onde funda a cidade de Cartago. Virgílio torna-a contemporânea de Eneias, relatando uma história de amor entre ambos. Eneias abandona-a por ordem de Júpiter, e Dido suicida-se deixando-se cair sobre a sua própria espada.

²⁰ Vide nota 6.

²¹ Herói lendário grego, dotado com poderes musicais divinos. Filho de uma das Musas (Calíope) e de um rei da Trácia – ou do deus Apolo, que lhe terá oferecido a primeira lira. O canto de Orfeu enfeitiçava os animais, fazia as árvores e as pedras moverem-se. Acompanha os Argonautas de Jasão, salvando-os do canto das sereias que a sua música ofuscou. No regresso, casa com Eurídice. Esta morre mordida por uma serpente, e Orfeu desce aos Infernos para a ir buscar. Caronte, seduzido, deixa que leve Eurídice com a condição de nenhum deles olhar para trás durante o caminho. Ao chegar à saída dos Infernos, Orfeu volta-se para ela e nesse momento Eurídice desaparece. É depois despedaçado pelas mulheres da Trácia durante uma orgia báquica. A cabeça, ainda a cantar, junto com a lira, flutuam até Lesbos. Aí se institui um oráculo de Orfeu, que se torna mais famoso que o de Apolo em Delfos. E Apolo manda que se cale. Os fragmentos do corpo de Orfeu são recolhidos e enterrados pelas Musas. À lira colocam-na no céu, como constelação.

²² Filho do Caos, personifica a escuridão dos Infernos.

²³ Pastor do monte Latmos por quem a Lua (Selene) se apaixonou ao vê-lo a dormir. Zeus concede-lhe a imortalidade com a condição de ficar para sempre adormecido. Assim, Selene visita-o todas as noites para o acariciar.

²⁴ Argos Panoptes, «o que tudo vê». Na lenda grega, o nome vêm-lhe dos cem olhos que este gigante possuía na cabeça e por todo o corpo. A deusa Hera manda-o vigiar a sua rival Io, mas é morto por Hermes. Hera transfere-lhe os olhos para a cauda do pavão.